



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ  
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E FORMAÇÃO  
DOCENTE  
MESTRADO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE**

**TATIANA SILVA ALVES**

**AS CATEGORIAS TRABALHO E LINGUAGEM E A FORMAÇÃO DO SER  
SOCIAL: APROXIMAÇÕES INICIAIS ENTRE LUKÁCS E VIGOTSKI**

**MARANGUAPE-CE  
2023**

TATIANA SILVA ALVES

**AS CATEGORIAS TRABALHO E LINGUAGEM E A FORMAÇÃO DO SER  
SOCIAL: APROXIMAÇÕES INICIAIS ENTRE LUKÁCS E VIGOTSKI**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ensino e Formação Docente, do Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

**Linha de Pesquisa:** Ensino e Formação

**Orientador:** Prof. Dr. Fabiano Geraldo Barbosa

**Coorientadora:** Profa. Dra. Adéle Cristina Braga Araújo

**MARANGUAPE-CE  
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Instituto Federal do Ceará - IFCE  
Sistema de Bibliotecas - SIBI

Ficha catalográfica elaborada pelo SIBI/IFCE, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- 
- A474c    Alves, Tatiana Silva.  
          AS CATEGORIAS TRABALHO E LINGUAGEM E A FORMAÇÃO DO SER SOCIAL:  
          APROXIMAÇÕES INICIAIS ENTRE LUKÁCS E VIGOTSKI : APROXIMAÇÕES INICIAIS ENTRE  
          LUKÁCS E VIGOTSKI / Tatiana Silva Alves. - 2024.  
          68 f. : il.
- Dissertação (Mestrado) - Instituto Federal do Ceará, Mestrado Profissional em Ensino e Formação  
          Docente, Campus Maranguape, 2024.  
          Orientação: Profa. Dra. Fabiano Geraldo Barbosa.  
          Coorientação: Profa. Dra. Adéle Cristina Braga Araújo.
1. Trabalho. 2. Linguagem. 3. Vigotski. 4. Lukács. 5. Ser social. I. Título.
-

TATIANA SILVA ALVES

**AS CATEGORIAS TRABALHO E LINGUAGEM E A FORMAÇÃO DO SER  
SOCIAL: APROXIMAÇÕES INICIAIS ENTRE LUKÁCS E VIGOTSKI**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ensino e Formação Docente, do Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Aprovado em: 07/12/2023

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Fabiano Geraldo Barbosa (Orientador)**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE

---

**Profa. Dra. Adéle Cristina Braga Araújo (Co-Orientador)**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE

---

**Prof. Dr. Emanuel Rodrigues Almeida**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE

---

**Prof. Dr. Thiago Alves Moreira Nascimento**

Universidade Regional do Cariri – URCA

À minha família. Vocês são alívio nos dias difíceis, colo, carinho e amor.

À minha avó Eunice. Ainda que a falta de lucidez tenha afastado seu espírito, você continua viva em mim. Nesses últimos meses lembrei-me do quanto você falava que eu deveria estudar, do seu cuidado e do orgulho que sentia por cada conquista minha. Você é uma fonte constante de inspiração em minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus. Só Ele sabe o quanto eu caminhei e os montes que escalei para chegar até aqui.

Ao meu querido e amado esposo, Vinicius. Você segurou minhas mãos nos momentos em que eu estive mais aflita e sempre acreditou no meu potencial. Foi minha força quando eu enfraqueci e minha fé quando eu vacilei. Sou profundamente grata por você ter transformado o que estava errado em certo, por todos os sonhos que você tornou realidade e por todo o amor que eu encontrei em você. Você enxergou o melhor que havia em mim. Eu não estaria aqui se não fossem o seu amor e apoio incondicionais.

Aos meus pais, George e Helenice. Vocês são meus maiores incentivadores e apoiadores. Obrigada pela paciência com minhas ausências, pela compreensão e colo sempre que eu precisei. Eu amo vocês.

Ao meu orientador, professor Fabiano Geraldo Barbosa, pela paciência, dedicação e parceria ao longo do caminho. Pelas leituras que indicou com tanto esmero, pelas correções precisas, por esclarecer todas as minhas dúvidas, por diálogos tão enriquecedores e por me tranquilizar sempre que me via angustiada. O PPGEF não poderia ter me presenteado com orientador melhor.

À minha coorientadora, professora Adéle Cristina Braga Araújo pela parceria valiosíssima. Suas orientações contribuíram enormemente para a construção da minha pesquisa e abriram caminho para novos aprendizados.

À Prefeitura de Fortaleza pela oportunidade de cursar o Mestrado Profissional através do programa Observatório da Educação.

Aos queridos colegas da turma do mestrado profissional (UNILAB-IFCE) que sorriram, choraram e sofreram junto comigo. O companheirismo de vocês, a força, os trabalhos construídos em parceria, as caronas, os risos, os almoços compartilhados... Trilhar o mesmo caminho que vocês foi o que fez tudo valer a pena.

Aos meus companheiros de estudo Marcio, Eugênio e Regina. Vocês trouxeram leveza, amizade e luz aos meus dias. Essa jornada acadêmica não teria sido a mesma sem vocês. Que essa amizade se mantenha firme durante os próximos anos.

À minha amiga Angélica. Você é luz na vida daqueles que têm a sorte de te conhecer. Sou muito grata pelo forte laço que construímos durante essa caminhada acadêmica. Obrigada por compartilhar esse momento comigo.

Aos professores Emanuel Rodrigues Almeida e Thiago Alves Moreira Nascimento por aceitarem o convite para compor minha banca de defesa e pelas contribuições valiosas à minha pesquisa.

Aos professores excepcionais do PPGEF que contribuíram com a minha formação.

Muito obrigada!

“O trabalho é capaz de despertar e desenvolver novas capacidades e necessidades no homem, as consequências do trabalho ultrapassam aquilo que nele foi posto de modo imediato e consciente, elas trazem ao mundo novas necessidades e novas capacidades para satisfação destas e não estão pré-traçadas – dentro das possibilidades objetivas de cada formação bem determinada – quaisquer limites apriorísticos para esse crescimento na “natureza humana” (LUKÁCS, 2013, p. 219).

A comunicação estabelecida com base em compreensão racional e na intenção de transmitir ideias e vivências exige necessariamente um sistema de meios cujo protótipo foi, é e continuará sendo a linguagem humana, que surgiu da necessidade de comunicação no processo de trabalho (VIGOTSKI, 2009, p. 11)

## RESUMO

O ser social, tal como o conhecemos hoje, é fruto de um longo processo evolutivo que se originou a partir do salto ontológico proporcionado pelo surgimento do trabalho. A partir do trabalho, o homem sentiu a necessidade de dizer algo e comunicar-se. Logo, houve a necessidade da linguagem. É através dela que são mediadas todas as interações sociais. É através dela que se organizam os atos de trabalho, que se acumula e transmite conhecimentos e que permite ao homem ter uma forma de comunicação diferente da encontrada nos animais. Nesse contexto, nosso estudo surge com o objetivo geral de investigar, no plano da construção teórica, as categorias trabalho e linguagem para a formação do ser social através do resgate dos fundamentos ontológicos a partir das obras de Lukács e Vigotski. Como objetivos específicos pretendemos: (i) analisar as esferas basilares do ser social e o salto ontológico; (ii) compreender a gênese e o desenvolvimento das categorias trabalho e linguagem, investigando seu lugar no processo de reprodução social; (iii) Aproximar as relações entre as categorias trabalho e linguagem em Lukács e Vigotski; (iv) examinar, teoricamente, o surgimento da educação e da escola, além de refletir sobre o contexto atual da formação dos professores; (v) desenvolver um produto educacional que contribua para as formações continuadas dos professores de Língua Portuguesa da Educação Básica. Para isso, utilizaremos como fundamentação teórica as teorias de Vigotski (2008; 2009; 2021), Lukács (2012; 2013), Lessa (2016), Tonet (2013; 2018), Prestes (2010, 2018; 2021), Carmo (2008), entre outros. Essa pesquisa, de cunho qualitativo e bibliográfico, norteou-se segundo os estudos de Gil (2002). Esse estudo organizou-se em três capítulos. No primeiro capítulo tratamos da vida e obra de Lukács e a gênese do trabalho, abordamos as esferas que fundamentam o desenvolvimento ontológico do ser humano e o salto que contribuiu para a formação do ser social. No segundo capítulo, investigamos, com maior profundidade, a gênese da linguagem e tecemos algumas aproximações iniciais entre os teóricos Vigotski e Lukács. No último capítulo analisamos, de forma teórica, a função do trabalho e da linguagem na formação escolar. Além de elaborarmos uma breve exposição sobre o complexo da educação, o surgimento da escola e a formação de professores levando em consideração as categorias trabalho e linguagem. Por fim, apresentamos o produto educacional desenvolvido durante esse estudo e as considerações finais sobre a pesquisa.

**Palavras-chave:** Trabalho . Linguagem. Vigotski. Lukács. Ontologia.

## ABSTRACT

The social being, as we know it today, is the result of a long evolutionary process that originated from the ontological leap provided by the emergence of work. From work, the man felt the need to say something and communicate. Therefore, there was a need for language. It is through it that all social interactions are mediated. It is through it that acts of work are organized, that knowledge is accumulated and transmitted and that allows man to have a form of communication different from that found in animals. In this context, our study arises with the general objective of investigating, in terms of theoretical construction, the categories of work and language for the formation of the social being through the rescue of ontological foundations based on the works of Lukács and Vygotski. As specific objectives we intend to: (i) analyze the basic spheres of social being and the ontological leap; (ii) understand the genesis and development of the categories of work and language, investigating their place in the process of social reproduction; (iii) Approach the relationships between the categories of work and language in Lukács and Vygotski; (iv) examine, theoretically, the emergence of education and school, in addition to reflecting on the current context of teacher training; (v) develop an educational product that contributes to the continued training of Portuguese Language teachers in Basic Education. To do this, we will use as theoretical foundation the theories of Vygotski (2008; 2009; 2021), Lukács (2012; 2013), Lessa (2016), Tonet (2013; 2018), Prestes (2010, 2018; 2021), Carmo (2008), among others. This research, of a qualitative and bibliographic nature, was guided by the studies of Gil (2002). This study was organized into three chapters. In the first chapter we deal with the life and work of Lukács and the genesis of the work, we address the spheres that underlie the ontological development of the human being and the leap that contributed to the formation of the social being. In the second chapter, we investigate, in greater depth, the genesis of language and weave some initial similarities between the theorists Vygotski and Lukács. In the last chapter we analyzed, theoretically, the function of work and language in school education. In addition to preparing a brief exposition on the education complex, the emergence of schools and teacher training, taking into account the categories of work and language. Finally, we present the educational product developed during this study and the final considerations about the research.

**Keywords:** Work. Language. Vygotsky. Lukacs. Ontology.

## **LISTA DE FIGURAS**

|                                                    |    |
|----------------------------------------------------|----|
| Figura 1: As esferas fundantes do ser social ..... | 21 |
|----------------------------------------------------|----|

## LISTA DE QUADROS

|                  |                                                                |    |
|------------------|----------------------------------------------------------------|----|
| <b>Quadro 1:</b> | Os modos de produção .....                                     | 29 |
| <b>Quadro 2:</b> | As competências gerais docentes .....                          | 57 |
| <b>Quadro 3:</b> | Competências Específicas do professor da educação básica ..... | 59 |

## SUMÁRIO

|           |                                                                                          |           |
|-----------|------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1.</b> | <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                  | <b>14</b> |
| <b>2.</b> | <b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>                                                 | <b>17</b> |
|           | 2.1 Abordagem da pesquisa .....                                                          | 17        |
| <b>3.</b> | <b>A CATEGORIA TRABALHO EM LUKÁCS E VIGOTSKI</b>                                         | <b>19</b> |
|           | .....                                                                                    |           |
|           | 3.1 Uma breve biografia de Lukács .....                                                  | 19        |
|           | 3.2 As esferas inorgânica, orgânica e o salto ontológico para a esfera social .....      | 20        |
|           | 3.3 O trabalho enquanto categoria fundante do ser social, teleologia e causalidade ..... | 24        |
|           | 3.4 Modos de produção .....                                                              | 28        |
|           | 3.5 A categoria trabalho em Vigotski .....                                               | 32        |
| <b>4.</b> | <b>A LINGUAGEM: APROXIMAÇÕES INICIAIS EM VIGOTSKI E LUKÁCS .....</b>                     | <b>35</b> |
|           | 4.1 A gênese da linguagem enquanto categoria associada ao trabalho segundo Lukács .....  | 35        |
|           | 4.2 Uma breve biografia de Vigotski.....                                                 | 38        |
|           | 4.3 O problema da tradução das obras de Vigotski .....                                   | 42        |
|           | 4.4 A linguagem segundo Vigotski .....                                                   | 44        |
| <b>5.</b> | <b>AS CATEGORIAS TRABALHO E LINGUAGEM NA FORMAÇÃO ESCOLAR .....</b>                      | <b>49</b> |
|           | 5.1 O surgimento do complexo da educação através do trabalho e da linguagem .....        | 49        |
|           | 5.2 O trabalho e o surgimento da escola .....                                            | 52        |
|           | 5.3 O trabalho e a linguagem na formação docente da Educação Básica .....                | 55        |
|           | .....                                                                                    |           |
| <b>6.</b> | <b>APRESENTAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL .....</b>                                         | <b>61</b> |
| <b>7.</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                        | <b>63</b> |
|           | <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                                                 | <b>66</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

A constituição do ser humano enquanto ser social ocorre, fundamentalmente, pelo trabalho. Se tomarmos como pressuposto o fato de que a primeira condição para se fazer história, como explicitado por Marx é estar vivo, a produção de riqueza material pelo trabalho se evidencia como a protoforma de toda a atividade humana. O trabalho, no entanto, não esgota a humanidade do homem, na medida em que há um conjunto de atividades imprescindíveis à sua consecução, das quais se destaca o complexo da linguagem. Assim, trabalho e linguagem são atividades consideradas essencialmente humanas.

Ao longo das disciplinas do programa de pós-graduação, surgiram inúmeros questionamentos sobre a maneira como o ser humano se transforma e evolui para o ser social. Mesmo durante os estudos sobre ontologia, as inquietações permaneceram. Como o ser humano tornou-se de fato um ser social através do trabalho? De que forma a linguagem ajudou no surgimento desse novo ser? Essas dúvidas perpassaram as disciplinas e, encontraram novos questionamentos, tornando-se o objeto da nossa pesquisa.

Dessa forma, nesse estudo procuramos entender a gênese e o desenvolvimento das categorias trabalho e linguagem baseando-nos nos estudos de Lukács e Vigotski, além de analisar teoricamente a função do trabalho e da linguagem na formação escolar para desenvolver um produto educacional que contribua para as formações continuadas dos professores de Língua Portuguesa da Educação Básica.

Nesse sentido, compreendemos que, para viver e garantir o básico para a sua sobrevivência, o homem precisa agir sobre a natureza, transformando-a de acordo com suas necessidades, pois, se não o fizer, ele deixará de existir. Esse ato consciente e orientado de transformar a natureza, adaptando-a às nossas necessidades, é o que conhecemos como trabalho. Nesse sentido, entendemos o trabalho como categoria fundante do mundo dos homens uma vez que ele permitiu que houvesse um salto ontológico do ser humano da esfera orgânica para a esfera social.

Esse ser social, que surgiu após um salto ontológico, pode ser definido como um conjunto de complexos que não se limitam ao trabalho, mas, que surgiram a partir dele, reproduzindo-se através da relação com outros complexos como educação, linguagem, ciência, entre outros. Essa relação é de extrema importância para o desenvolvimento do ser social.

Através do salto ontológico da espécie humana, proporcionado pelo trabalho, o homem tornou-se um ser social. Ou seja, ele deixou de ser apenas um ser orgânico e passou a ser um produto do seu próprio desenvolvimento, um novo ser. Segundo Lukács, o trabalho

[...] é capaz de despertar e desenvolver novas capacidades e necessidades no homem, as consequências do trabalho ultrapassam aquilo que nele foi posto de modo imediato e consciente, elas trazem ao mundo novas necessidades e novas capacidades para satisfação destas e não estão pré-traçadas – dentro das possibilidades objetivas de cada formação bem determinada – quaisquer limites apriorísticos para esse crescimento na “natureza humana” (LUKÁCS, 2013, p. 219).

Ou seja, para o autor o trabalho é a atividade fundante do ser social. É por meio dele que os seres humanos estabelecem uma relação de transformação com a natureza. É o trabalho que transporta o homem para além do imediato, do que está posto, possibilitando que ele transforme e seja transformado. O ser social age com intencionalidade sobre os outros.

Segundo o célebre filósofo Marx, (2015), a formação do ser humano como ser social está na produção de riqueza material através do trabalho. Enquanto os animais exercem funções parecidas com o trabalho, de forma instintiva e centrada apenas na preservação e propagação de suas espécies, o ser social tem consciência daquilo que produz, idealizando, planejando e construindo. Ou seja, o trabalho humano é dotado de teleologia.

O ser humano busca manter sua existência e reproduzir seus costumes e hábitos de vida através de ações estabelecidas nas relações com a natureza e com outros homens, que se concretizam através do trabalho e da linguagem. O homem se reinventa, se reproduz, transforma a natureza ao mesmo tempo em que é transformado por ela, o que possibilita a sua existência, tornando-se um ser que é, ao mesmo tempo, um sujeito histórico e social.

O ato de transformar a natureza através do trabalho é considerado um ato reflexivo visto que, para o trabalho é necessário que o homem desenvolva a consciência. Essa consciência, de acordo com Vigotski (2008), só pode existir quando o homem se apropria da linguagem. A linguagem não existiu desde os primeiros dias do homem, mas sim, surgiu a partir da necessidade que os seres humanos tinham de se comunicar, organizar em sociedade e transformar o mundo em que viviam. Logo, a linguagem também é uma atividade ontológica do ser social pois, é por meio dela que temos acesso ao mundo e ao pensamento uma vez que, todas as experiências vivenciadas pelo homem são permeadas por palavras, signos e significados que possuem sentidos (arbitrários ou não), para o homem.

Dessa forma, a linguagem é responsável por inserir o homem em sociedade, sendo um dos elementos centrais da socialização e formação dos indivíduos. Logo, a linguagem não existe fora do contexto social, bem como, a sociedade também não existe sem ela.

Nesse viés, este estudo surge com o objetivo geral investigar no plano da construção teórica as categorias trabalho e linguagem para a construção do ser social. Como objetivos específicos pretendemos: (i) analisar as esferas basilares do ser social e o salto ontológico; (ii) compreender a gênese e o desenvolvimento das categorias trabalho e linguagem, investigando seu lugar no processo de reprodução social; (iii) Aproximar as relações entre as categorias trabalho e linguagem em Lukács e Vigotski; (iv) examinar, teoricamente, a função da linguagem e do trabalho na formação escolar; (v) desenvolver um produto educacional que contribua para as formações continuadas dos professores de Língua Portuguesa da Educação Básica.

Esses objetivos específicos foram norteadores para a pesquisa atuando como base para a estruturação do nosso estudo. Salientamos ainda a escassez de materiais teóricos e metodológicos sobre as categorias trabalho e linguagem na formação do ser social, aproximando Lukács e Vigotski, o que ressalta a relevância da realização desse estudo para o meio acadêmico e possíveis contribuições que possamos trazer para esse tema.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa pesquisa tem como princípio metodológico a ontologia do ser social, formulada por Lukács a partir do materialismo histórico e dialético de Marx. Nesse sentido, propomo-nos a realizar uma análise das categorias trabalho e linguagem para apreender sua estrutura, dinâmica e de que maneira essas categorias unidas propiciaram a constituição do ser social a partir dos estudos de Lukács e Vigotski.

Segundo Tonet (2013 p. 14), “o ponto de vista ontológico implica a subordinação do sujeito ao objeto”. Logo, o elemento central no processo do conhecimento deve ser o objeto de estudo cabendo ao pesquisador analisar apenas a realidade do próprio objeto.

Sobre essa análise, Netto afirma que:

O objetivo do pesquisador, indo além da aparência fenomênica, imediata e empírica – por onde necessariamente se inicia o conhecimento, sendo essa aparência um nível da realidade e, portanto, algo importante e não descartável – é apreender a essência (ou seja: a estrutura e a dinâmica) do objeto. Numa palavra: o método de pesquisa que propicia o conhecimento teórico, partindo da aparência, visa alcançar a essência do objeto. (NETTO, 2011, p. 22)

Além da análise crítica e objetiva do seu objeto de estudo, o sujeito precisa ter papel ativo em sua análise. Ele deve ser capaz de mobilizar o máximo de conhecimento possível sobre seu objeto de estudo, analisando-o de forma crítica. Como percurso metodológico realizamos a leitura imanente de obras do filósofo Lukács (2012; 2013), Vigotski (2008; 2011; 2017), Lessa (2012; 2016), Prestes (2010), Tonet (2013), Carmo(2008), entre outros.

### 2.1 Abordagem da pesquisa

A partir da perspectiva ontológica do ser social, desenvolvemos uma pesquisa de cunho bibliográfico uma vez que, esse tipo de pesquisa nos dá a oportunidade de ter contato com parte do material teórico já elaborado sobre o tema, o que possibilita o aprofundamento da análise do nosso objeto de estudo.

Nossa pesquisa segue a abordagem qualitativa pois, temos como objetivo descrever as categorias trabalho e linguagem, compreender suas nuances, entender de que maneira elas contribuíram para a formação do ser social e aproximá-las em Vigotski e Lukács. Segundo Gil, podemos definir essa abordagem como “[...] uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório” (GIL, 2002, p. 133).

Nesse sentido essa pesquisa se estruturou em três capítulos, organizados da seguinte maneira:

**Capítulo 1 - A categoria trabalho em Lukács e Vigotski.** Neste capítulo, tratamos da vida e obra de Lukács e a gênese do trabalho, abordamos as esferas que fundamentam o desenvolvimento ontológico do ser humano e o salto que contribuiu para a formação do ser social. Como caminho metodológico, para a construção deste capítulo tivemos como base a leitura imanente da obra *Para uma ontologia do ser social*, volumes I e II do filósofo húngaro Lukács. Apontamos também, de forma sintética, como o complexo do trabalho está presente na sistematização de Vigotski, procurando, dessa forma, aproximar os autores.

**Capítulo 2 - A linguagem: aproximações iniciais em Vigotski e Lukács.** Nele investigamos, com maior profundidade, a gênese da linguagem e tecemos algumas aproximações iniciais entre os teóricos Vigotski e Lukács. Para isso, tomamos como base teórica os estudos de Lukács, Vigotski, Lessa e Prestes.

No **Capítulo 3 - As categorias trabalho e linguagem na formação escolar**, analisamos, de forma teórica, a função do trabalho e da linguagem na formação escolar. Além de uma breve exposição sobre o complexo da educação, o surgimento da escola e a formação dos professores com relação as categorias trabalho e linguagem.

Por fim, apresentamos o produto educacional desenvolvido durante esse estudo e as considerações finais sobre a pesquisa. Nosso produto educacional apresenta-se em forma de e-book. Nele, tratamos resumidamente sobre as categorias trabalho e linguagem, além de discorrermos brevemente sobre o surgimento da educação e da escola, até chegarmos à formação continuada do docente. Em seguida, apresentamos algumas sugestões de leituras e atividades para serem realizadas durante as formações continuadas de professores.

### 3 A CATEGORIA TRABALHO EM LUKÁCS E VIGOTSKI

Nesse capítulo, apresentamos de forma breve, um pouco da vida e obra do filósofo György Lukács. Estudar a biografia do autor é ter a oportunidade de compreender muitos pontos de sua teoria. Seus estudos contribuíram de várias formas nas áreas da filosofia, sociologia, linguagem e marxismo. Mostrar um pouco de sua trajetória de vida e produção intelectual pode nos ajudar a compreender sua relação com alguns eventos ocorridos ao longo de sua vida e, de que maneira, esses acontecimentos contribuíram em seus estudos teóricos. Além disso, nesse capítulo, tratamos das esferas ontológicas formadoras do ser social, do trabalho e dos modos de produção pois, são elementos norteadores das teorias discutidas ao longo dos próximos capítulos. Também julgamos importante apresentar, de modo sintético, a relevância da centralidade do trabalho nos estudos de Vigotski.

#### 3.1 Uma breve biografia de Lukács

Nascido em Budapeste, na Hungria, em 1885, o filósofo György Lukács desde cedo demonstrava grande interesse pelas artes e literatura. Sendo criado em boas condições financeiras pois, seu pai era banqueiro, Lukács recebeu uma educação primorosa estimulando-o para o desenvolvimento e florescimento de sua intelectualidade.

O primeiro retorno de Lukács à educação que recebeu ocorreu em 1904 quando fundou um grupo teatral, financiado pelo pai. Segundo Mészáros (2013), nessa mesma época ele aprofundou seus estudos em filosofia nas obras de Kant, Dilthey e Simmel. A partir desse ponto, o filósofo começou a se interessar pela ética.

Após aprofundar seus estudos em filosofia, Lukács estudou jurisprudência e formou-se doutor em Direito. Nesse momento, ainda que estivesse em seu período de formação intelectual, suas primeiras publicações (*História do desenvolvimento do drama moderno*, 1907 e *A alma e as formas*, 1910), chamaram a atenção de grandes intelectuais do ocidente.

Embora seja reconhecido como um dos grandes estudiosos da teoria marxista, Lukács bebeu de diversas fontes e teorias, em especial quando mais jovem, não restringindo seus estudos apenas à obra de Marx. Sofrendo grande influência de Kant, ele mudou-se para Heidelberg e integrou o círculo do sociólogo Max Weber.

No ano de 1917, pouco antes do final da Primeira Guerra Mundial, o filósofo húngaro enfrentava um novo problema: A revolução Bolchevique. Esse evento teve, para ele, um

significado bastante contraditório. Embora concordasse e admirasse os propósitos da revolução, para ele, os meios escolhidos pelos revolucionários eram moralmente inaceitáveis. Sobre isso, em 1918 Lukács escreveu o ensaio “*O bolchevismo enquanto um problema moral*”.

Pouco tempo após a publicação do ensaio, Lukács resolveu filiar-se ao Partido Comunista Húngaro. Em novembro de 1918, ele deixou de usar o título familiar “von” sendo conhecido apenas como György Lukács, ingressando no proletariado, rompendo com o mundo burguês no qual fora criado. Ao renunciar seu título, o filósofo passou a enfrentar diversas dificuldades, desde onde morar até o que comer.

Os anos entre 1917 e 1920 foram decisivos para o filósofo de Budapeste do ponto de vista político-ideológico e também afetivo pois, nesse mesmo período ele começa a se relacionar com Gertrud Bortstieber, sua companheira pelos próximos 45 anos. Após 1920, Lukács dedicou-se profundamente à sua formação estudando sobre Marx, Engels e Lenin.

Durante o próximo meio século, Lukács envolveu-se em vários momentos históricos, foi eleito deputado pelo Partido Comunista Húngaro, diretor da Academia de Ciências, membro do parlamento e professor na Universidade de Budapeste. Também sofreu com exílio, e, após voltar a sua terra natal, foi advertido pelo novo líder do país a não se envolver mais com política. Pedido que ele ignorou.

No início da década de 1960, Lukács iniciou a escrita de sua última obra e, na mesma época (em 1963), acabou perdendo sua esposa, Gertrud, o que o afetou de forma inegavelmente profunda.

Durante seus últimos anos de vida, o filósofo dedicou-se a contribuir com seus estudos para o renascimento do marxismo. Seu intuito não era de renovar as teorias ou ecletismo. Lukács desejava promover o “renascimento” do Marxismo e, com isso, defender os interesses e necessidades da classe trabalhadora recuperando o cerne da produção teórica de Marx que fora deturpada ao longo dos anos.

O resultado desse intenso trabalho foi sua obra inacabada “*Para uma ontologia do ser social*”, publicada apenas após seu falecimento. Essa mesma obra, complexa e inacabada, deixou um rastro de polêmicas entre os discípulos de Lukács e diversos estudiosos.

### **3.2 As esferas inorgânica, orgânica e o salto ontológico para a esfera social**

Segundo Lukács (2012), no primeiro volume de sua obra de maturidade, o ser humano passa constantemente pela “processualidade evolutiva”, ou seja, ele evolui de forma contínua ao passar por suas esferas estruturais e rompendo com elas para constituir um novo ser.

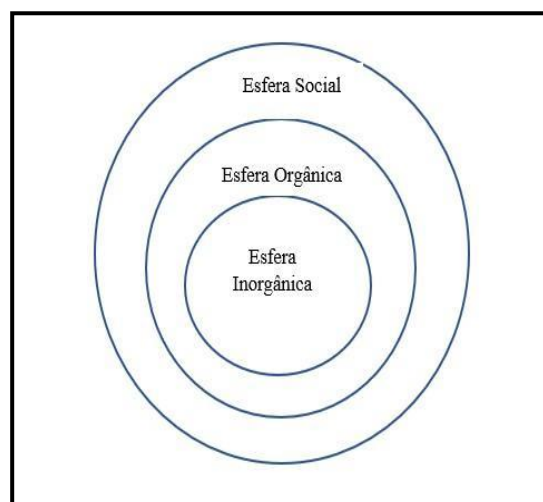
Dessa forma, para compreender adequadamente o ser humano numa perspectiva ontológica se faz mister reconhecer a coexistência de três grandes seres: O ser inorgânico, o ser orgânico e o ser social, cada um deles representando uma esfera fundamental para o desenvolvimento da humanidade.

Assim, conforme afirma Lessa,

Para Lukács, portanto, existem três esferas ontológicas distintas: a inorgânica, cuja essência é o incessante tornar-se outro mineral; a esfera biológica, cuja essência é o repor o mesmo da reprodução da vida; e o ser social, que se particulariza pela incessante produção do novo, através da transformação do mundo que o cerca de maneira conscientemente orientada, teleologicamente posta. (LESSA, 2016 p. 16)

As esferas ontológicas podem ser representadas, de forma ilustrativa, da seguinte maneira:

### **Imagem 1: As esferas fundantes do ser social**



**Fonte:** Imagem produzida pelos pesquisadores a partir da obra de Lukács (2012).

Através da imagem podemos perceber que uma esfera está sempre inserida nas outras, mostrando sua interdependência. Uma vez que, mesmo ao romper com a esfera anterior e evoluir para um novo ser, esse ser que foi formado não perde por completo o contato com a esfera anterior. Inclusive, depende dela para seguir existindo.

Sobre esse assunto, Lukács afirma:

[...] a natureza inorgânica não pressupõe qualquer ser biológico ou social. Ela pode existir de modo totalmente autônomo, enquanto o ser biológico pressupõe uma constituição especial do inorgânico e, sem a interação ininterrupta com ele, não é capaz de reproduzir o seu próprio ser nem por um instante. Do mesmo modo, o ser social pressupõe natureza orgânica e inorgânica e, se não tiver essas duas como

fundamento, não lhe é possível desenvolver as suas próprias categorias, distintas daquelas. (LUKÁCS, 2012, p. 140).

A esfera inorgânica é aquela que, de acordo com Lukács (2013, p. 19), constitui-se a partir de “reações químico-físicas puramente espontâneas”. As moléculas e partículas resultantes desse processo se organizam para formar a matéria inorgânica. A esfera inorgânica foi a primeira que surgiu e serviu de base para desenvolver todas as outras esferas.

A natureza inorgânica possui tão somente um tornar-se outro, sendo que até mesmo os componentes, objetos, processos que contrastam do modo mais extremo só podem ser designados como positivos ou negativos de forma totalmente arbitrária. (LUKÁCS, 2013, p. 207)

Nessa afirmação de Lukács, podemos perceber o caráter “multiplicador” da esfera inorgânica, com a função de manter apenas a sua estrutura básica. Ainda segundo o autor, a esfera inorgânica não contempla os seres biológicos ou sociais, podendo existir de modo totalmente autônomo. Logo, essa esfera não depende de nenhuma forma de vida para garantir sua existência podendo ser considerada a única verdadeiramente independente das demais.

O princípio básico da esfera inorgânica é o “tornar-se outro”. Ou seja, as moléculas e partículas se reorganizam em novas formas superando a natureza existente nos elementos que a compõem.

Em determinado momento, durante a processualidade evolutiva, essa esfera inorgânica passa por diversas transformações, rompendo com a natureza existente e dando origem a uma nova esfera: A esfera orgânica.

Lukács (2013, p. 219) afirma que “ *O desenvolvimento na natureza orgânica vai das reações químico-físicas, puramente espontâneas, até aquelas que, acompanhadas de certo grau de consciência, são desencadeadas em dado momento*”, ou seja, a esfera orgânica constitui-se dos primeiros organismos vivos. Enquanto estávamos na esfera inorgânica, as reações químico-físicas eram puramente espontâneas, com o objetivo apenas de tornar-se o outro em sua reorganização. Nessa nova esfera temos o ser biológico.

A principal diferença entre as esferas orgânica e inorgânica é, respectivamente, que a primeira existe devido a um processo contínuo de reposição do mesmo, enquanto a processualidade inorgânica é marcada pelo eterno tornar-se outro. Dessa maneira, há entre as duas esferas, uma ruptura ontológica pois, são formas diferentes de ser.

De acordo com Lukács (2013), o aparecimento de um organismo vivo origina um novo complexo movido por forças internas, provocando uma grande modificação em relação à

natureza inorgânica. Nessa nova esfera, o desenvolvimento acontece de tal forma que as determinações se tornam cada vez mais puramente biológicas, o que só é possível em um grau superior de desenvolvimento. Ou seja, uma forma mais complexa e qualitativamente nova, constituindo assim, um salto ontológico.

Ainda segundo Lukács (2013, p. 36), a essência do salto é constituída por uma ruptura com a continuidade normal do desenvolvimento e não pelo nascimento, de forma súbita ou gradativa, no tempo, da nova forma de ser.

Os seres que se originaram nessa nova esfera existem porque se refazem e repovoam em uma constante reprodução de si mesmos. Sobre esse assunto, Lessa afirma que *“No salto da esfera inorgânica para a vida, por exemplo, o momento predominante é exercido pela reprodução biológica. Ela já opera nas primeiras formas de vida; caso contrário, tais formas nem sequer poderiam ser biológicas”* (2015, p. 193).

Algumas categorias de organismos passaram por sua *processualidade evolutiva* ao longo dos tempos até alcançarem certa supremacia entre os demais organismos. Uma vez que, após um salto, há sempre o aperfeiçoamento da nova forma do ser.

Segundo Lukács (1978, p. 4-5), *“para que possa nascer o trabalho, enquanto base dinâmico estruturante de um novo tipo de ser, é indispensável um determinado grau de desenvolvimento do processo de reprodução orgânica”*. Ou seja, a evolução do ser orgânico foi um dos fatores determinantes para o surgimento da categoria trabalho, o que, também provocou um novo rompimento na esfera existente, originando um novo ser - o ser social.

O mesmo tipo de salto ontológico observado na passagem da esfera inorgânica para a orgânica, ocorreu de forma equivalente na passagem do ser orgânico para o ser social.

Assim como acontece com o ser orgânico, o ser social ainda estabelece relação de dependência com as esferas orgânicas e inorgânicas. Ou seja, esse salto representou uma mudança, mas não o rompimento total entre as esferas.

O homem transforma a natureza agindo sobre as bases orgânicas e inorgânicas de forma intencional e idealizada para atender suas necessidades. Enquanto trabalhador, ele separa-se do ser vivo simples que existia até aquele momento e transforma-se no ser social. Dessa forma, o que ocorre nesse momento da humanidade não é mais uma adaptação biológica dos seres, mas sim, uma reorganização e reestruturação visando as relações sociais ativas e promovendo o desenvolvimento daquele ser em um nível superior.

Do mesmo modo, o ser social pressupõe natureza orgânica e inorgânica e, se não tiver essas duas como fundamento, não lhe é possível desenvolver as suas próprias categorias, distintas daquelas. A partir de tudo isso, torna-se possível uma ordenação

dos níveis do ser sem pontos de vista valorativos, sem confundir com estes a questão da prioridade ontológica, da independência e dependência ontológicas. (LUKÁCS 2013, p. 140)

Embora ainda exista essa relação de dependência ontológica nas esferas inorgânicas e orgânicas, o ser social é ontologicamente um novo ser e consegue manter uma independência relativa em relação ao ser que foi fundado.

O grande responsável por essa reestruturação é o trabalho. Conforme Lukács, o trabalho é

[...] capaz de despertar novas capacidades e necessidades no homem, as consequências do trabalho ultrapassam aquilo que nele foi posto de modo imediato e consciente, elas trazem ao mundo novas necessidades e novas capacidades para satisfação destas e não estão pré-traçadas – dentro das possibilidades objetivas de cada formação bem determinada – quaisquer limites apriorísticos para esse crescimento na “natureza humana” (LUKÁCS, 2013, p. 219).

Logo, podemos concluir que todos os outros complexos que constroem o ser social, surgiram através do trabalho. Ou seja, o ser social se desenvolve criando necessidades que não podem mais ser solucionadas apenas com o trabalho. É a partir dessas necessidades que surgem os diversos complexos sociais.

Inclusive, podemos incluir a linguagem como um desses complexos que surgiu de forma concomitante ao trabalho e detém grande importância na formação desse ser social, uma vez que todas as relações humanas e de trabalho são concretizadas por algum tipo de linguagem.

O trabalho e a linguagem surgem como resposta da espécie humana às determinações ambientais. Essas categorias satisfazem algumas das necessidades básicas desse novo ser tais como comer, socializar, beber, vestir-se, viver e reproduzir-se enquanto gênero humano. Essas necessidades, ao serem atendidas, levam o ser humano além da necessidade imediata de reprodução humano-biológica.

Segundo o que defende Lukács, o homem, ao realizar um trabalho, é transformado por ele ao agir sobre a natureza exterior. E, enquanto age sobre essa natureza exterior, ele produz a sua própria natureza. Assim, *“o ser social, em seu conjunto e processos singulares, pressupõe o ser da natureza inorgânica e orgânica. Não se pode considerar o ser social como independente do ser da natureza”* (LUKÁCS, 2012, p. 199).

### **3.3 O trabalho enquanto categoria fundante do ser social, teleologia e causalidade**

No tópico anterior tratamos resumidamente sobre as esferas ontológicas formadoras do mundo dos homens. Através disso, pudemos perceber que elas são essencialmente distintas

entre si e, ao mesmo tempo, intrinsecamente articuladas. O ponto de ruptura da esfera orgânica foi o salto ontológico proporcionado pelo trabalho que deu origem ao ser social.

Iniciamos esse terceiro tópico esclarecendo que não pretendemos expor todas as determinações que tornam o trabalho a categoria fundante do ser social. Nesse momento, entendemos que para desenvolver nossos estudos sobre a categoria linguagem, é necessária uma breve explanação sobre o trabalho enquanto vínculo do homem com a natureza e transformador de si e do meio em que vive.

Em “*Para uma ontologia do ser social*”, sua obra de publicação mais tardia, Lukács nos oferece as bases para compreendermos as categorias mais essenciais que envolvem o ser social. Ele inicia sua exposição pela categoria trabalho, explicitando que

[...] para expor em termos ontológicos as categorias específicas do ser social, seu desenvolvimento a partir das formas de ser precedentes, sua articulação com estas, sua fundamentação nelas, sua distinção em relação a elas, é preciso começar essa tentativa com a análise do trabalho. (LUKÁCS, 2013, p.41).

Conforme dito anteriormente, o trabalho é uma atividade essencialmente humana. Assim, segundo Lukács, também podemos compreendê-lo como protoforma do ser social. Ou seja, como elemento originário daquilo que caracteriza o agir humano uma vez que, o trabalho permitiu que o ser humano saltasse da esfera orgânica para a esfera social.

O trabalho surgiu a partir do momento em que o ser humano precisou satisfazer suas necessidades mais básicas. Durante o processo evolutivo da humanidade, os homens primitivos precisavam de condições para sobreviver na natureza. Eles tinham necessidades básicas como alimentação, abrigo e reprodução. Essas necessidades só poderiam ser satisfeitas através da interação entre o homem e a natureza. Nessa interação, o homem primitivo modificava o ambiente em que vivia, adaptando-o as suas necessidades.

Todas essas modificações na natureza eram orientadas através do trabalho, uma vez que, ao serem realizadas, terminavam por satisfazer algumas das necessidades desse homem. A partir do surgimento do trabalho idealizado e executado de forma intencional, surgiram inúmeras outras categorias dessa relação social.

De acordo com Saviani (2007), o homem, diferente dos animais, não possui a sua existência garantida pela natureza. Logo, para poder sobreviver ele precisa produzir a sua própria existência agindo sobre a natureza adaptando-se a ela e transformando-a. Esse ato de transformar a natureza de forma consciente e orientada é o que entendemos como trabalho.

Assim, o ser humano vive do trabalho. O trabalho permite que o homem vivencie uma dupla transformação ao transformar a natureza e ser transformado por ela.

Voltando-nos para o processo de surgimento do homem vamos constatar seu início no momento em que determinado ser natural se destaca da natureza e é obrigado, para existir, a produzir sua própria vida. Assim, diferentemente dos animais, que se adaptam à natureza, os homens têm de adaptar a natureza a si. Agindo sobre ela e transformando-a, os homens ajustam a natureza às suas necessidades: (SAVIANI, 2007, p. 154)

A transição entre o ser orgânico e o ser social ocorreu após o surgimento da atividade teleológica do trabalho. Esse trabalho é totalmente diferente daquelas atividades executadas pelos animais. Enquanto os demais animais “trabalham” de forma puramente instintiva, sem intencionalidade ou planejamento (unicamente para reproduzir a si mesmo), o homem idealiza e planeja o trabalho antes de executá-lo.

Podemos citar como exemplo, certos tipos de insetos. Alguns constroem para si “ninhos” e/ou casulos, colmeias, etc. A estrutura de alguns desses espaços são praticamente impossíveis de serem reproduzidas pelo ser humano. Entretanto, sua estrutura é basicamente a mesma. Cada espécie se organiza da mesma forma e produz sempre o mesmo. O ser social atua de forma distinta. Ele tem a capacidade de idealizar, planejar suas ações e executá-las, produzindo as subjetividades de que necessita.

Ao falar em trabalho, perguntamo-nos constantemente por que ele é considerado a categoria fundante do ser social? Lukács nos responde essa pergunta explicando que é evidente que o trabalho tem uma prioridade ontológica sobre todas as outras categorias sociais. Essa prioridade ontológica do trabalho apresenta duas proposições interessantes. A primeira delas é de que o trabalho existe antes de qualquer outra categoria e a segunda afirma que o trabalho é a condição básica e necessária para o “vir a ser” de quaisquer outras categorias. Ou seja, sem ele é impossível ser.

Logo, podemos perceber que no âmbito do ser social, o trabalho apresenta-se como complexo basilar e, através dele, todos os outros complexos se estruturam para a constituição do ser social. Sem o trabalho não existiria nenhuma outra categoria ou complexo. Ou seja, ele é o ponto de partida determinante para o aparecimento e desenvolvimento do ser social.

Partindo desse ponto de vista, também podemos concluir que além do trabalho anteceder e permitir o desenvolvimento do ser social e todos os seus complexos, ele também possui a função de intercambiar o modo de vida natural e o social. Portanto, o trabalho é o elemento responsável pela relação entre a natureza e a sociedade. Sobre isso Lukács (2013, p. 44), assinala que “o trabalho tem, como sua essência ontológica, um claro caráter de transição: ele

é, essencialmente, uma inter-relação entre homem (sociedade) e natureza, tanto inorgânica (ferramenta, matéria-prima, objeto do trabalho etc.) como orgânica [...]”.

Dessa forma, podemos compreender que o trabalho representa a relação eterna do homem com a natureza tornando-se a marca fundamental para o desenvolvimento da espécie humana, elevando da condição meramente biológica ao ser social.

Ao mesmo tempo em que consideramos o trabalho como categoria fundante do ser social não significa dizer que esse ser se reduz única e exclusivamente ao trabalho. Durante seu processo de formação individual e coletiva o ser social se desenvolve além das relações imediatas de trabalho. Sendo assim, é necessário desenvolver uma série de outros complexos sociais que, em muitos casos, sequer têm relação direta com a categoria trabalho, mas ao mesmo tempo, são intermediados por ela.

Ao entendermos o trabalho do como atividade previamente idealizada e planejada, não podemos deixar de tratar da teleologia. A teleologia pode ser definida como a pré-idealização do trabalho. É a capacidade do ser humano de antecipar, mentalmente, uma determinada finalidade a um problema. Para Lukács esse processo de antecipação e idealização de soluções só surgiu com o trabalho. Logo, as ações do homem na natureza não aconteceriam de forma aleatória e sem propósito

O trabalho, para o ser social, é dotado de teleologia, voltado para a própria existência do homem e para a produção de riquezas materiais. Dessa forma, podemos entender a teleologia como uma abstração que foi previamente idealizada. A teleologia relaciona-se com a capacidade do ser humano de pensar, planejar e produzir algo novo. Portanto, ela é inerente e exclusiva do ser humano já que apenas o homem possui a competência e os meios necessários para criar algo novo através do trabalho.

Nesse ponto, ao comparar o ser humano com os animais, podemos perceber que os demais seres orgânicos não produzem algo novo pois, seu objetivo é reproduzir a si mesmo. Uma abelha jamais construirá algo diferente da sua colmeia enquanto o homem é capaz de idealizar e construir inúmeras estruturas diferentes.

Assim, o ser social não produz, de forma acidental, algo original que não pertence ao mundo natural. Ele idealizou e antecipou esse processo mentalmente. Dessa maneira ele prevê qual objetivo e finalidade que tem cada ação a ser executada e um possível resultado delas.

Sobre a teleologia, Lukács (2007), sustenta que “[...] o trabalho é formado por posições teleológicas que, em cada oportunidade, põem em funcionamento séries causais (2007, p.6).” Nesse sentido podemos entender que, para o autor, todo o trabalho executado pelo homem origina-se de uma ação pensada previamente.

Aliado à teleologia, podemos associar a casualidade. Definida por Lukács (1976, p.5) como “um princípio de auto movimento que repousa sobre si próprio”, a causalidade também pode ser interpretada como o ser em si, sendo uma realidade que independe de algo externo para corroborar seu modo de existência.

[...] Ao contrário da causalidade, que representa a lei espontânea na qual todos os movimentos de todas as formas de ser encontram a sua expressão geral, a teleologia é um modo de pôr - posição sempre realizada por uma consciência - que, embora guiando-as em determinada direção, pode movimentar apenas séries causais. (LUKÁCS 2013, 2007, p.6)

A causalidade dada refere-se a matéria ofertada pela natureza para que o ser social possa concretizar sua subjetividade. Ao materializar suas subjetividades, a partir da causalidade dada, o ser social a transforma em causalidade posta.

[...] na ontologia do ser social, não há nenhuma teleologia enquanto categoria do ser que seja desprovida de uma causalidade que a realize. Por outro lado, todos os fatos e eventos que caracterizam o ser social como tal são resultados de cadeias causais postas teleologicamente em movimento. (LUKÁCS, 2013, P. 266)

Através das relações estabelecidas entre teleologia e causalidade podemos perceber duas questões. A primeira sinaliza que no mundo natural (orgânico e inorgânico) não existe algo que exceda a organização causal desse mundo. Logo, a causalidade é a única maneira que os seres desse mundo natural existem. A segunda questão nos mostra que a teleologia é algo exclusivamente humano pois é por meio dela que o trabalho humano transforma o ser natural em ser social. Apenas o homem tem a capacidade teleológica.

### **3.4 Modos de produção**

Na produção social de sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e a qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência. (MARX, 1983, p. 24)

Para compreender a história da humanidade e a construção do ser social precisamos estudar também os diferentes tipos de modos de produção. Eles podem ser entendidos como a

maneira através da qual o homem se organiza socialmente para executar o trabalho, produzindo os bens necessários à sua sobrevivência.

Ao organizar-se socialmente através do trabalho, o homem determinou o desenvolvimento das forças produtivas em consonância com os modos de produção vigentes em cada período de sua evolução. Esse feito o ajudou a formar a estrutura econômica, política e social durante toda a sua construção.

Os modos de produção concentram a cultura da humanidade. É através deles que encontramos o básico da existência do ser humano, que busca formas de satisfazer suas necessidades de sobrevivência, criar o novo e/ou transformar o mundo que o acolhe. Os modos de produção não só abrigam as forças produtivas e as relações de produção, mas também o ser social, os complexos da arte, da linguagem, a ciência e seus valores. Ou seja, o ser social que cria e transforma a vida em sociedade.

Estudar os modos de produção, significa estudar também a estrutura da sociedade em que aquele tipo de modo de produção foi predominante. Neste tópico, estudaremos de forma breve os tipos de modos de produção desde o primitivo até o capitalista.

Escolhemos representar os modos de produção de forma simplificada com auxílio de um quadro, elaborado a partir da leitura de Colao (2006).

**Quadro 1**

| <b>Quadro 1</b><br><b>OS MODOS DE PRODUÇÃO</b>    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|---------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>O modo de produção da comunidade primitiva</b> | <p>O modo de produção primitivo surgiu concomitantemente ao trabalho no processo de formação da sociedade. Ele se perpetuou durante milhares de anos e os homens trabalhavam em conjunto.</p> <p>Nesse modo de produção não havia a possibilidade da existência de classes sociais diferentes uma vez que, todo o resultado do trabalho era distribuído entre a comunidade.</p> <p>Dessa maneira, ninguém enriquece e toda a produção é utilizada para satisfazer as necessidades dos membros da comunidade.</p> <p>Esse modo de produção só encontrou seu fim a partir do momento em que surgiu o excedente. Ou seja, a</p> |

|                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|--------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                      | <p>partir do momento em que o homem começou a produzir além do necessário para sua sobrevivência o que também ocasionou o surgimento da desigualdade social.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>O modo de produção antigo</b>     | <p>Após o fim do modo de produção primitivo, surge o modo de produção antigo. Nele, aparecem as pequenas propriedades privadas, a divisão do trabalho, os ofícios e mercadores. É a partir desse momento que se formaram três classes de pessoas: os nobres, os agricultores e os artesãos.</p> <p>O homem possui forte ligação com sua comunidade de origem, uma vez que ela garante a sua existência em troca de sua força produtiva.</p> |
| <b>O modo de produção escravista</b> | <p>Nesse modo de produção as relações eram de domínio e sujeição: Senhores e escravos.</p> <p>Os escravos eram vistos como instrumentos de trabalho, sendo a principal forma produtiva desse período, a terra pertencia ao senhor e seus donos, eram os latifundiários.</p> <p>Na sociedade escravista as terras, instrumentos de produção e escravos eram de propriedade do senhor.</p>                                                    |
| <b>O modo de produção asiático</b>   | <p>O modo de produção asiático deu origem a uma versão elementar da figura do Estado. Nele iniciou-se a exploração da classe trabalhadora embora ainda não houvesse a noção de propriedade privada.</p> <p>Nesse modo, uma comunidade fica sob o poder de outro grupo superior que representa o poder de todas as comunidades.</p>                                                                                                          |

|                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|---------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                       | <p>A exploração pode ser percebida quando a comunidade superior exige a cooperação das comunidades menores para a realização de grandes obras. Isso fez com que surgisse um poder despótico em que a comunidade superior se apropria das terras e os outros membros de comunidades menores são despojados de seus direitos sobre a terra que antes ocupavam. A propriedade segue comunitária pois, os membros das comunidades menores podem seguir com suas atividades lá, mas, ela pertence a comunidade superior.</p> |
| <b>O modo de produção feudal</b>      | <p>Esse modo de produção era constituído essencialmente pela relação entre senhores e servos, combinando a propriedade coletiva da terra com a posse particular de um indivíduo.</p> <p>Os proprietários individuais eram representados pela comunidade e havia um conselho de autoridades (príncipes), que resolviam os problemas que pudessem surgir.</p>                                                                                                                                                             |
| <b>O modo de produção capitalista</b> | <p>As relações de produção do capitalismo são baseadas na propriedade privada e no controle dos meios de produção pela classe dominante. O trabalho assalariado, no capitalismo, substituiu o trabalho servil do modo de produção feudal.</p> <p>O modo de produção capitalista é movido pela busca incessante do lucro. Nele, temos duas classes sociais predominantes: a burguesia (detentora dos meios de produção), e os trabalhadores (trocaram sua força de trabalho pelo salário).</p>                           |

Fonte: Quadro elaborado pelos pesquisadores com base na leitura de Colao (2006).

Através de nossos estudos, podemos perceber que o trabalho, representa a base formadora do homem enquanto ser social, desde o seu surgimento, desenvolvimento dos complexos sociais e vida em comunidade. Sendo assim, é impossível dissociá-lo dos estudos sobre a linguagem, pois ela tem função intermediadora das relações sociais.

No próximo tópico, faremos uma análise sobre a categoria trabalho em Vigotski e a influência dos estudos de Marx na construção de suas teorias.

### 3.5 A categoria trabalho em Vigotski

*Na esteira do pensamento marxiano resgatado por Lukács em seu caráter ontológico, Vigotski igualmente analisa o trabalho como um processo de mediação entre o homem e a natureza, que, por sua vez, é mediado pelo uso dos instrumentos/ferramentas. (CARMO, 2008, p. 131).*

Ao empreendermos uma pesquisa sobre o pensamento de um autor, é impossível separá-lo do contexto no qual ele estava inserido ao realizar seus estudos. Suas vivências, leituras, círculos sociais e influências intelectuais são fundamentais para melhor compreendermos suas teorias. Logo, ao referir-nos a um teórico do porte de Vigotski precisamos manter em mente que é essencial uma reflexão sobre todos os fatores que tanto influenciaram seus estudos.

Nesse tópico, pretendemos analisar como Vigotski concebia a categoria trabalho em sua última obra *Pensamento e Linguagem*. Para isso, propomo-nos a aproximar os estudos de Lukács sobre trabalho e linguagem aos pressupostos teóricos de Vigotski à luz da ontologia lukacsiana utilizando como base para nossas análises a pesquisa de Carmo (2008).

O filósofo Marx foi uma das grandes influências nas pesquisas de ambos os estudiosos. Mas, as diferenças quanto às pesquisas dos dois autores eram claras. Enquanto Lukács tentava recuperar a teoria marxista, Vigotski fazia suas pesquisas à luz do materialismo histórico-dialético buscando compreender ontologicamente seu objeto de estudo.

Cabe destacar que embora Vigotski e Lukács tenham sido autores contemporâneos, segundo Carmo (2008), não se tem notícias de nenhum encontro ou troca de pesquisas entre eles. Ao falecer precocemente, Vigotski havia alcançado um nível de maturidade intelectual que Lukács ainda estava longe de atingir. Sua obra de maturidade (*Para uma ontologia do ser social*), em que trata da categoria trabalho, foi publicada cerca de 34 anos após o falecimento de Vigotski.

Entretanto, a diferença entre os períodos de publicação e pesquisas dos autores, não invalida a relação que pode ser estabelecida entre eles devido a centralidade do trabalho que é o precursor do mundo dos homens. Embora Vigotski tenha estudado a categoria linguagem e dado a ela o destaque que merece em função da sua importância nas mediações humanas, a centralização que alguns estudiosos e tradutores da obra do autor atribuem à linguagem pode ser considerada errônea.

Em sua última obra *Pensamento e linguagem ou A construção do pensamento e da linguagem* (no russo *Michlenie i retch*), Vigotski (2009, p.5), apresenta no primeiro capítulo

uma análise sobre o método da “decomposição das totalidades psicológicas complexas em elementos”.

Ele acreditava que esse método seria responsável por vários fracassos nos estudos realizados sobre a linguagem. Esse método, pregava que para melhor estudar um objeto, deveríamos decompô-lo segundo os elementos que o constituem. Ou seja, separando cada pequeno elemento que o compõe. Podemos citar como exemplo a decomposição da estrutura da água ( $H_2O$ ), que pode ser dividida em duas moléculas de hidrogênio e uma de oxigênio. No entanto, fazer esse tipo de separação também significa ignorar a totalidade do objeto que está sendo estudado.

Ao aplicar esse método à linguagem houve a separação da dupla função da linguagem: a função comunicativa e a função intelectual, supondo que as duas fossem paralelas e independentes entre si. Porém, Vigotski acreditava no oposto. Para ele, o significado do que era transmitido pela linguagem só se materializava na junção da comunicação e do pensamento.

Sobre esse tema, Carmo (2008), afirma que essa união entre comunicação e pensamento ocorre em um determinado estágio do desenvolvimento do ser humano. Esse desenvolvimento culmina no processo de formação do ser social através dos atos de trabalho.

Vigotski (2009, p. 11), ao afirmar que “[...] a comunicação não mediatizada pela linguagem ou por outro sistema de signos ou meios de comunicação, como se verifica no reino animal, viabiliza apenas a comunicação, do tipo mais primitivo e nas dimensões mais limitadas”, reconhece que apenas o ser social, que durante a processualidade evolutiva passou de ser biológico para ser social através do surgimento do trabalho, possui estruturas mentais complexas que possibilitam a comunicação.

Portanto, consideramos o ser social dotado de teleologia e compreensão racional. Ele idealiza, planeja, executa, comunica seus atos, interage com seus semelhantes e com a natureza ao construir o mundo e a própria existência. Todas essas ações realizadas pelo ser social são mediadas pela linguagem que se originou a partir do surgimento do trabalho. A linguagem surge da necessidade de comunicação gerada pelo processo de trabalho.

O trabalho que precede todos os outros complexos que surgem para satisfazer o ser social. Para o estudioso soviético a linguagem comunica os atos de trabalho. Portanto, para ele, o trabalho antecede a linguagem. A linguagem surgiu a partir do trabalho e não o contrário. Sobre este tema, Carmo afirma que,

De todas as análises levadas a cabo por Vigotski, resulta o entendimento de que o salto dado pelo homem no seu desenvolvimento ontogenético decorre de uma relação essencialmente nova – o trabalho - que possibilita o uso de instrumentos e, por conseguinte, de signos, permitindo, por essa prerrogativa, o próprio surgimento da

linguagem que invariavelmente nasce desses processos de mediação. (CARMO, 2008 p. 133)

Ao fazer referência ao “salto dialético” (salto ontológico), Vigotski reafirma que esse momento provocou a ruptura com a esfera vigente (orgânica) e originou o ser social. Essa transição entre o biologicamente dado e o culturalmente adquirido, segundo Carmo (2008, p. 105), “apenas se processa no interior do ser social e que somente se tornou possível através do trabalho, permitindo ao homem operar o salto das esferas orgânica e biológica em direção ao ser social”.

Quando se diz que o **salto dialético** não é só uma passagem da matéria pensante para a sensação, mas uma passagem da sensação para o pensamento, se está querendo dizer que o pensamento reflete a realidade na consciência de modo qualitativamente diverso do que o faz a sensação imediata (VIGOTSKI, 2009, p. 9 - grifos nossos).

Em seus estudos, Vigotski se propõe a analisar, de forma teórica, a relação entre pensamento e linguagem. Além disso, ele considera como unidade de análise a categoria significado. As palavras, segundo o autor, não se referem apenas a um objeto isolado. Ela abrange uma classe de objetos. Sendo assim, cada palavra representa uma generalização.

Ao tratar da generalização, segundo Carmo (2008), Vigotski entende que a palavra se constitui de um reflexo generalizado da linguagem. Para ele as palavras não são escolhidas de forma aleatória. Elas materializam um conjunto de mediações entre o pensamento e a linguagem. Já Lukács acredita que a generalização torna possível a existência de um conjunto de causalidades postas, desde que elas correspondam a um reflexo da realidade, o que torna possível o controle e o aperfeiçoamento dos atos reflexivos e sua generalização.

Embora Vigotski não tenha anunciado de modo claro o uso de pressupostos ontológicos em seus estudos, podemos perceber ao longo da leitura de Pensamento e linguagem, que o autor tece inúmeras considerações no campo da ontologia. Dessa forma ele caminha ao encontro de Lukács e sua ontologia do ser social.

#### **4. A LINGUAGEM: APROXIMAÇÕES INICIAIS EM VIGOTSKI E LUKÁCS**

No processo de construção do ser social através do trabalho, é necessário que exista um ponto de articulação entre o homem primitivo e o ser social. Essa articulação é mediada através da linguagem.

Para Lukács (2012, p. 162), “a linguagem é a satisfação de uma necessidade social que surge ontologicamente, em decorrência da relação dos homens com a natureza e entre si”.

Na tessitura da relação entre as duas categorias, entendemos que a linguagem é como um ‘elo’ que mantém vivo o que foi produzido através do trabalho. Além de manter a memória do que foi feito, a linguagem nomeia tudo aquilo que é novidade e surge a partir do trabalho. Isso só é possível graças a generalização, parte essencial do processo de trabalho.

A generalização e a acumulação, dupla função da linguagem, permitem que o ser social se desenvolva a partir daquilo que ele aprendeu e apreendeu sem a necessidade de retornar ao momento anterior e reaprender as determinações da natureza.

Nosso estudo não objetiva investigar qual categoria surgiu primeiro, se trabalho ou linguagem. Pretendemos apenas demonstrar sua importância uma para a outra além da interdependência que as duas possuem e sua influência para a formação do ser social.

Assim, esse capítulo tratará da categoria linguagem segundo concepção de Lukács, associada ao trabalho. Em seguida faremos uma aproximação inicial entre os estudos de Lukács (2012, 2013), Vigotski (2001; 2008, 2009 e 2017), Luria (2017), Prestes e Tunes (2010; 2011; 2013; 2021).

##### **4.1 A gênese da linguagem enquanto categoria associada ao trabalho segundo Lukács**

Em sua obra de maturidade, Lukács dedicou algumas páginas do capítulo A reprodução, para a compreensão da linguagem e sua relação com o trabalho e a construção do ser social enquanto complexo intimamente ligado ao trabalho.

Nesse sentido, Lukács afirma que

[...] a linguagem se desenvolverá de modo ininterrupto simultaneamente com o desenvolvimento de trabalho, divisão do trabalho e cooperação, tornando-se cada vez mais rica, maleável, diferenciada etc., para que os novos objetos e as novas relações que forem surgindo possam ser comunicados. (2012, p. 119-120)

Assim, a linguagem evolui e as palavras apresentam sentido comunicável entre os homens que pertencem ao contexto social daquela linguagem. Nesse contexto, a linguagem é responsável por mediar e organizar as relações do trabalho primitivo. Sendo diretamente

relacionada ao desenvolvimento social. É através da linguagem que o ser social se expressa utilizando signos linguísticos. Segundo Lukács,

[...] a reprodução realizada através do signo linguístico se separa dos objetos designados por ele e, por conseguinte, também do sujeito que o expressa, tornando-se expressão intelectual de um grupo inteiro de fenômenos determinados, que podem ser aplicados de maneira similar por sujeitos inteiramente diferentes em contextos inteiramente diferentes. (LUKÁCS, 2013, p.127).

Nessa afirmação, podemos perceber também que Lukács estabelece uma relação muito forte com a corrente linguística contemporânea à escrita de sua obra. Trataremos nos próximos tópicos sobre o signo linguístico, abordado tanto por Lukács quanto por Vigotski em seus estudos sobre a linguagem.

Segundo Lessa (2012), a linguagem é indispensável para o processo de acumulação e/ou generalização que caracteriza a continuidade social.

[...] sem a mediação da fala o trabalho não pode sequer existir, quanto mais fundar o complexo processo que denomina devir-humano dos homens: a fala é indispensável ao processo de acumulação/generalização que caracteriza a continuidade social. A prioridade ontológica do trabalho não significa que esta categoria possa, por um único instante que seja, existir fora do mundo dos homens ou ser a ele anterior. E nem a sociabilidade, nem o trabalho podem existir sem a fala. (LESSA, 2012, p. 180).

Com essa afirmativa, podemos perceber a relação intrínseca e inseparável entre as categorias trabalho e linguagem. Embora não seja uma determinação direta do trabalho, sem a linguagem seria impossível que o trabalho pudesse ser realizado de forma a produzir as subjetividades necessárias ao homem.

Sendo assim, a linguagem se renova espontaneamente na vida cotidiana, guiada pelas mais diversas necessidades reais que a regem. Assim sendo, a reprodução da linguagem, em contraposição aos demais complexos sociais, não tem um grupo humano como portador; portadora é a sociedade toda, na qual cada um de seus membros – querendo ou não, ciente ou não – influencia, por meio do seu comportamento na vida, o destino da linguagem. (LUKÁCS, 2012, p. 167).

Nessa colocação do filósofo húngaro, percebemos que a linguagem é viva. E ela vive justamente porque se renova acompanhando a evolução do ser social. E, ao mesmo tempo em que ela se renova, não perde a essência. Não é necessário ser reinventada a partir do zero. Ela retrata o mundo, os sentimentos, as relações, pensamentos, aspirações e toda a gama de complexos dos que vivem em sociedade. Logo, não há um único ser responsável pela

linguagem, mas sim, cada um de seus membros exerce influência sobre seus múltiplos significados e destino.

Enquanto inserida dentro do complexo do “ser social” (grifos do autor), a linguagem, segundo Lukács, apresenta caráter universal que se expressa na possibilidade de que, para cada complexo social existente, a linguagem atua como mediadora do seu desenvolvimento, manutenção e preservação.

Essa universalidade da linguagem na cadeia dos complexos que constituem o ser social é o que possibilita sua funcionalidade e reprodução. Além da análise desses complexos, muitas vezes antagônicos.

A relação entre as categorias trabalho e linguagem, diferente dos outros complexos sociais que existem, se concretiza no próprio trabalho. A linguagem surge a partir do momento em que o ser social tem a necessidade de responder questões provocadas pelo processo de transformação da natureza que ocorre com o trabalho.

Assim como o trabalho, a linguagem também é uma atividade exclusivamente humana podendo ser definida como uma categoria social. Por conseguinte, o tipo de comunicação que existe entre os seres da esfera orgânica não pode ser considerado como linguagem assim como o tipo de transformação que esses seres exercem sobre a natureza também não pode ser considerado trabalho.

Alguns animais possuem formas rudimentares de comunicação que podem envolver aspectos como busca de alimentos e proteção. No entanto, essa comunicação serve apenas para que esses seres possam satisfazer suas necessidades biológicas de reprodução, o que difere da relação entre o ser social e a linguagem pois, para ele, a linguagem oferece novas possibilidades de vivenciar o mundo. Conforme dito no início do capítulo, ela surge para satisfazer uma necessidade social pois, o homem sente a necessidade de comunicar-se. De dizer algo. Essa necessidade de comunicação constitui uma mediação fundamental para a reprodução do ser social.

A linguagem proporciona o desenvolvimento do ser social ajudando-o a estabelecer relações com outros e, permitindo que o trabalho seja concretizado. Segundo Lessa (2012), a linguagem é

portadora da relação viva entre os homens, a consciência dinâmica e progressiva do processo de reprodução social como um todo”, ela acolhe “em si todas as manifestações da vida humana” e lhes confere “uma figura capaz de comunicá-las”. (LESSA, 2012, p. 188)

Sendo responsável por fazer com que o homem seja inserido na sociedade. Dessa forma, ela não pode existir fora do contexto social, assim como a sociedade não existe sem ela.

[...] está presente como mediação fundamental tanto na relação do homem com a natureza como em todas as relações dos homens entre si, e até na dos indivíduos consigo mesmos. É, nesse sentido, um complexo social universal, pois não há setor da práxis humana que possa se realizar sem a sua mediação. (LESSA, 2012, p. 189)

A linguagem tem como principal característica a designação de significados a partir das objetividades criadas pelo homem constituindo-se como uma mediação fundamental da apropriação do homem à realidade em que ele está inserido e que transforma de forma permanente. Se o homem não vive sem o trabalho, o trabalho também não pode existir sem alguma forma de linguagem entre os homens.

## **4.2 Uma breve biografia de Vigotski**

Este tópico foi construído com base nos estudos de Luria (2017) e do trabalho das pesquisadoras Prestes e Tunes (2010; 2011; 2013; 2021) sobre a vida e obra de Vigotski. Além de entrevistas com familiares e estudiosos russos sobre sua história. Todavia, ainda há partes da vida e obra do pensador soviético que jamais vieram a público. Por isso, não é nosso objetivo fazer um estudo aprofundado da vida e obra de Vigotski, mas sim, situar nossa pesquisa ao tratar um pouco da vida do autor pois, suas vivências influenciaram de forma significativa sua escrita e teoria.

Vigotski é um dos autores soviéticos mais conhecidos no Brasil desde as primeiras publicações de suas obras, que chegaram ao nosso país através das edições em inglês feitas por autores estadunidenses. Ele se ocupava da ciência desenvolvendo análises teóricas, experimentais e metodológicas.

Embora nunca tenha tido suas teorias oficialmente proibidas em vida, na antiga União Soviética, Vigotski foi perseguido e atacado por suas ideias em especial no campo da defectologia. Algumas de suas obras, só chegaram de fato a público, muitos anos após a sua morte sendo vítimas de cortes e alterações violentas. Por volta da década de 1950, a Rússia começou a publicar as obras do autor. No entanto, para que as publicações pudessem acontecer, os textos originais de Vigotski sofreram várias alterações feitas por editores, ou seja, ao fazerem a tradução para o inglês, muito da obra original já estava adulterada, o que prejudicou a compreensão e interpretação das teorias do autor na íntegra.

Atualmente, o que conhecemos sobre o autor e sua obra, deve-se aos esforços de três mulheres dedicadas e fantásticas: Guita Iovovna Vigodskaja (filha mais velha de Vigotski),

Elena Kravtsova (filha de Guita e neta de Vigotski) e Tamara Mirrailovna Lifanova (pesquisadora e admiradora da obra de Vigotski).

Elas trabalharam durante anos resgatando os arquivos familiares e profissionais do autor, além de publicações antigas, entrevistas com amigos pessoais e companheiros de estudos como Luria e Leontiev.

Lev Semionovitch Vigotski nasceu em 5 de novembro de 1896, em Orcha (Região Vitebskaia, ex- Moguilevskaia), sendo o segundo filho de oito irmãos. No ano seguinte ao seu nascimento, seus pais mudaram-se com a família para Gomel.

Em 1913, ele terminou o ginásio obtendo notas máximas. No ano seguinte, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade Imperial de Moscou e no Departamento acadêmico da faculdade de História e Filosofia da Universidade Popular Chaniavski. Não estudou nem mesmo um mês na Faculdade de Medicina e transferiu-se para o curso de direito na mesma universidade. Foi nesse período que iniciou os estudos em psicologia.

Em 1915 escreveu o primeiro rascunho de sua análise de *Hamlet*. Posteriormente começou a publicar seus artigos e resenhas dedicados a problemas da literatura, até 1922 nas revistas *Letopis*, *Novii Mir* e *Novaia Jizn*.

Após o triunfo de Vladimir Ilitch Lenin na Revolução Socialista, em 1917, Vigotski retornou para Gomel. Lá, enquanto não encontrava um emprego permanente, trabalhou como professor dando aulas particulares e cuidou dos irmãos que contraíram tuberculose.

Vigotski, a partir desse momento, dedicou-se à instrução do povo, iniciando suas aulas de literatura e psicologia. Em 1919 assumiu o cargo de diretor do subdepartamento teatral do Departamento de Gomel de Instrução do Povo. Ainda no mesmo ano, assumiu o cargo de diretos do departamento artístico do Órgão Regional para a Instrução Política.

Na década de 1920, Vigotski participou da organização do Museu da Imprensa em Gomel e seu primo, David Isaakitch Vigodski, era membro do conselho. Nessa mesma década, revelou-se como um grande crítico literário. Organizou a revista *Veresk*, do qual foi editor, nela ele publicava resenhas e ensaios sobre literatura. Sua filha Guita, em entrevista a Zoia Prestes, ao ser indagada sobre o curioso nome da revista declarou:

Está na epígrafe da revista: é uma flor que não tem valor nenhum por ela mesma, mas prepara a terra para tudo o que for plantado. Vigotski, como redator, dizia que gostaria que a revista preparasse o leitor para conhecer as valiosas obras da literatura. O endereço da revista era a casa de Vigotski e acho difícil que tenha havido algum número sobre a literatura brasileira, ou que a tenha incluído. (PRESTES, 2010, p. 3)

Além da revista, Vigotski realizou nesse período, diversas palestras científicas e literárias. Dirigiu o departamento editorial de Gompetchat (1922-1923) e trabalhou como professor na Escola Técnica de Pedagogia, lecionando Lógica e Psicologia.

Em 1924 apresentou seus primeiros trabalhos sobre os estudos experimentais que realizou no Gabinete de Psicologia de Gomel. São eles: *Os métodos reflexológicos e psicológicos do estudo*; *Como se deve lecionar Psicologia*; e *Resultados dos questionários sobre os ânimos dos alunos nas últimas séries das escolas de Gomel em 1923*.

No mesmo ano, mudou-se para Moscou enquanto sua família permaneceu em Gomel. Suas pesquisas realizadas na área da Psicologia Pedagógica e seus estudos da Psicologia da Arte e os trabalhos experimentais que realizou em Gomel, ajudaram Vigotski a escrever uma série de artigos e suas primeiras grandes obras: *Psicologia Pedagógica* e *Psicologia da Arte*.

Em 1924 iniciou ingressou no ramo da defectologia elaborando estudos e publicando trabalhos sobre esse tema até 1934. No mesmo ano em que iniciou seus estudos na área da defectologia, Vigotski tornou-se diretor do subdepartamento de educação das crianças com deficiências físicas e retardo mental no Departamento de Proteção Social e Jurídica de Menores.

Ainda no ano de 1924 casou-se com Roza Smerrova e no ano seguinte, nasce sua filha, Guita.

Em 1925 dava aulas de psicologia na I Universidade de Moscou na Faculdade de Ciências Sociais e na Faculdade de Física e Matemática. Na II Universidade de Moscou, lecionava Didática da Psicologia nos departamentos de Psicologia, Pedologia e Defectologia, além de dar aulas do curso de Psicologia no Departamento de Pedagogia do Conservatório. Nesse mesmo ano Vigotski publicou no livro *Psicologia e Marxismo* o pequeno artigo *Consciência como problema da psicologia do comportamento*.

Vigotski foi eleito como representante da URSS para participar da Conferência Internacional sobre a Instrução de pessoas surdas-mudas em Londres. Lá apresentou o trabalho de título: *Os princípios da instrução das crianças surdas-mudas na Rússia*. Esse estudo só foi publicado em seu país de origem no ano de 1983 com o título: *Os princípios de educação social das crianças surdas-mudas*.

Ao retornar da conferência, Vigotski interrompeu seu trabalho devido a doença. Em razão de sua enfermidade, ele foi liberado da defesa pública de sua dissertação, mas, devido às avaliações positivas que recebeu sobre seu trabalho, ele ganhou o direito de ensinar nas Instituições de Ensino Superior.

Mesmo doente, ele não deixou de trabalhar. Durante o período de convalescença organizou sua monografia em forma de livro “*Psicologia da Arte*”, publicada apenas em 1965. De novembro de 1925 a maio de 1926, o pensador soviético ficou internado em uma clínica tratando da tuberculose.

Após sua internação, publicou o livro *Psicologia Pedagógica* e começou a escrever um de seus grandes trabalhos *O sentido histórico da crise na psicologia*. Organizou também o laboratório de psicologia da infância anormal na Estação Médico-pedagógica, em Moscou sendo diretor da Estação por quase um ano e, depois disso, atuando como consultor científico.

Em 1927 terminou de escrever “*O sentido histórico da crise na psicologia*” que só foi divulgado em 1982 na publicação do primeiro volume das Obras Reunidas. Nesse ano, Vigotski começou a pesquisar sobre a fala, pensamento, atenção e memória e outros temas importantes para o desenvolvimento do homem.

No final da década de 1920, escreveu os trabalhos: *O defeito e a supercompensação* e *Sobre a questão da dinâmica do caráter infantil*. Além disso, recebeu convite da Universidade Estatal da Ásia Central para lecionar. Durante o período em que esteve com a família fora de Moscou, ele trabalhou intensamente e trocou correspondências com Leontiev e Luria. Escreveu também, no mesmo período, a obra *Os principais problemas da defectologia contemporânea*.

Ainda no final da década de 1920, foi criado o Instituto Experimental de Defectologia do Comissariado do Povo para Instrução. Vigotski foi diretor e consultor desse Instituto desde sua criação até seu falecimento em 1934.

Na década de 1930, Vigotski trabalhou no sistema de saúde como assistente (e depois diretor), do laboratório da Clínica de Doenças Nervosas Sepp, na I Universidade de Moscou. Também foi eleito como presidente do Conselho Científico Estatal.

No primeiro ano da década de 1930, nasceu sua filha mais nova Assia.

Nessa década ele trabalhou na área da Psicopatologia, dedicando-se profundamente ao desenvolvimento e patologias da fala e do pensamento. Foi convidado junto a Luria, Leontiev e Lebedinski a organizar o departamento de Psicologia da Academia de Psiconeurologia em Rharkov, na Ucrânia.

Em 1931 ele se tornou professor catedrático. Nessa época, recebeu críticas ferozes sobre a teoria histórico-cultural.

Em 1933, realizou estudos sobre crianças com defeito na fala, apresentando seu relatório em dezembro do mesmo ano: *Sobre a questão da dinâmica do desenvolvimento mental da criança normal e da criança anormal*.

No ano de 1934, foi convidado a ser diretor do Departamento de Psicologia do Instituto soviético de Medicina Experimental. Seus últimos trabalhos foram: *Os problemas de desenvolvimento e de desintegração das funções psíquicas superiores* e *Psicologia e estudo sobre a localização das funções psíquicas*

Em maio de 1934 sua doença piorou e teve duas hemorragias no mesmo mês, sendo hospitalizado em 2 de junho. Pouco tempo antes de falecer, Vigotski terminou de escrever *Pensamento e fala* (no russo *Michlenie i retch*). Nas primeiras horas da madrugada de 11 de junho, ele faleceu. Em seguida, foi enterrado no Cemitério Novodievitchi, em Moscou.

Diferente de suas outras obras, que demoraram anos a serem publicadas, *Pensamento e fala* veio a público ainda no ano de 1934, poucos meses após seu falecimento. No entanto, alguns anos depois, ela entrou no rol dos livros proibidos na Rússia em 1936, sendo publicado novamente apenas em 1956. Essa obra foi traduzida para vários idiomas e publicada em vários países, sendo a primeira edição estrangeira traduzida e publicada (com grandes cortes), pelo Instituto Tecnologia de Massachusets.

#### 4.3 O problema da tradução das obras de Vigotski

No tópico anterior tratamos do complexo da linguagem segundo a ontologia de Lukács. Doravante, pretendemos explicitar as considerações de Vigotski sobre essa categoria, tecendo uma aproximação inicial entre os dois autores, uma vez que ambos tratam a linguagem de forma semelhante, refletindo a teoria Marxista.

Segundo Luria (2017) Vigotski, além de ser um gênio em seu campo de atuação, era o mais marxista entre os pesquisadores de seu grupo de estudos. Segundo ele, em 1925, ao apresentar uma conferência que o trouxe a Moscou, Vigotski incluiu uma citação de Marx que funcionaria como um conceito chave do quadro de referências proposto por ele para a análise da linguagem e das funções superiores do homem. Segue a citação de Marx utilizada por Vigotski, *apud* Luria (2017, p 25)

A aranha executa operações que lembram a de um tecelão, e as caixas que as abelhas constroem no céu poderiam envergonhar o trabalho de muitos arquitetos. Mas mesmo o pior arquiteto difere da mais hábil abelha desde o início, pois antes dele construir uma caixa de tábuas, já a construiu em sua cabeça. No término do processo de trabalho ele obtém um resultado que já existia em sua mente antes que ele começasse a construir. O arquiteto não apenas muda a forma dada a ele pela natureza, mas também leva a cabo um objetivo seu que define os meios e o caráter da atividade ao qual ele deve subordinar sua vontade. ( O Capital, Pt , cap 7, seção 1, )

Podemos perceber em Vigotski que o método de análise marxista, utilizado como base para suas análises, desempenhou papel fundamental em seus estudos para o desenvolvimento das funções superiores. Segundo Luria, Vigotski (influenciado por Marx), concluiu que as origens das formas superiores de comportamento consciente do homem são encontradas nas relações que ele estabelece com o mundo exterior a ele. Ainda de acordo com Luria (2017),

para Vigotski o homem não era apenas um produto do seu ambiente, mas também, um agente ativo no processo de criação deste meio.

Entretanto, antes de iniciar a tecer considerações sobre a linguagem, é necessário deixar claro que a tradução das obras de Vigotski que chegaram ao Brasil, ainda não são exatas em sua essência. Apenas nos últimos anos suas obras começaram a ser catalogadas e publicadas na Rússia tendo sua neta como uma das organizadoras desse projeto.

Conforme dito anteriormente, as primeiras obras de Vigotski chegaram ao Brasil traduzidas direto da língua inglesa e, além disso, foram mutiladas pelos editores russos. Nas obras em inglês, o tradutor não trata do caráter declaradamente marxista de Vigotski, o que influencia diretamente em seus conceitos e teorias que chegaram a nós.

Sendo assim, ainda há muitas divergências sobre a teoria e estudos do pensador soviético. Segundo Prestes (2021), atualmente os estudiosos sobre Vigotski dividem-se em quatro grandes grupos quanto às traduções de suas obras.

O primeiro grupo, que conheceu as teorias de Vigotski na década de 1970, traduzidas pelos americanos, não querem ouvir falar dos equívocos cometidos nas primeiras traduções e os problemas que elas podem causar na compreensão e interpretação das teorias. Segundo a autora, para esse grupo a tradução simboliza um problema menor.

O segundo grupo é formado por pessoas que acompanham as traduções atuais, em especial as de Prestes e Tunes, mas, não acreditam que a mudança de uma ou outra palavra possa interferir ou causar dúvidas nos significados e conceitos das obras.

O terceiro grupo engloba as pessoas que a partir da leitura da tese de doutorado de Prestes (2010), começaram a duvidar das traduções lançadas. Além disso, esse grupo não tem receio de reconhecer possíveis equívocos que cometeram em seus estudos.

Já o quarto e último grupo desconhece a problemática da tradução das obras de Vigotski no Brasil, iniciando seus estudos através do livro *Formação social da mente*.

Dessa forma, diante da impossibilidade de trabalhar com o original em russo, decidimos utilizar duas traduções da obra *Pensamento e Linguagem* (*Michlenie i retch*) como referência. Ressaltamos que segundo as pesquisas de Lifanova e Vigodskaja (Guita), essa obra foi a que mais sofreu cortes e alterações. Logo, analisá-la exige extremo cuidado, em especial com a edição que for escolhida para esse propósito.

Para esse estudo, escolhemos duas versões de *Michlenie i retch* com extremo cuidado, seguindo algumas avaliações de Prestes (2010, 2015, 2021), sobre seu conteúdo e semelhança com os originais em russo.

A primeira obra é a tradução do russo publicada em Madrid, *Obras Escogidas - II: Pensamiento y Lenguaje - Conferencias sobre Psicología* (2009). Essa versão do livro já está em sua segunda edição e, mesmo com alguns pequenos cortes, ainda é uma versão muito próxima ao original.

A segunda, trata-se da obra *A construção do pensamento e da linguagem* (2009). Essa versão do livro está em sua 2ª edição. Segundo Prestes, essa edição (embora imperfeita), é uma publicação feita de forma integral e traduzida a partir do russo, sendo seu tradutor, já experiente em traduzir literatura russa a partir do original embora ainda não possua experiência no campo da psicologia, linguagem ou educação.

Existem inúmeras divergências sobre a tradução da palavra *retch* do russo para outros idiomas, inclusive o português. Alguns teóricos afirmam que esse vocábulo se refere a *fala* e outros ressaltam a relação dessa palavra com a *linguagem*. No Brasil, as duas traduções que foram publicadas (uma extremamente recortada e traduzida do inglês e a outra com texto traduzido integralmente do russo), adotaram a tradução da palavra *retch* como linguagem.

Embora em Língua Portuguesa ambas tenham significado e funções diferentes, resolvemos seguir utilizando a palavra linguagem devido à impossibilidade de trabalhar com o original russo.

#### **4.4 A linguagem segundo Vigotski**

Estudar sobre a linguagem segundo a perspectiva de Vigotski também significa falar sobre a obra *Pensamento e Linguagem*. Esse livro foi a última obra escrita pelo autor durante o período em que esteve mais doente. O livro apresenta os resultados das pesquisas realizadas por Vigotski, durante quase uma década, com ajuda de um grupo de pesquisadores russos, entre eles Luria e Leontiev.

Conforme dito no tópico anterior, Vigotski era declaradamente marxista, e todo o seu estudo sobre o pensamento e a fala foi direcionado pela perspectiva do materialismo histórico-dialético, tendo como base a análise semântica. Ou seja, o sentido dos signos e das palavras na busca pela compreensão do seu objeto de pesquisa.

Vigotski inicia *Pensamento e linguagem* com um questionamento importantíssimo: a validade do método para estudar o pensamento e a palavra, pois, a relação entre os dois é o ponto central do problema do pensamento e da linguagem.

Para Vigotski (2009), quando alguém se propõe a estudar sobre as relações entre o pensamento e a linguagem, deve ter claro que métodos serão utilizados e se eles levarão a uma solução para os questionamentos da pesquisa.

O primeiro método que o autor nos apresenta pode ser denominado como decomposição das totalidades psicológicas. Segundo Vigotski (2009, p. 5), esse método de análise tem como traço essencial “possibilitar a obtenção de produtos heterogêneos, ao todo analisado, que não contém as propriedades inerentes ao todo como tal e possuem uma variedade de propriedades que nunca poderiam ser encontradas nesse todo”.

O autor explica que essa análise seria como decompor e explicar cientificamente quaisquer propriedades que possam existir no pensamento e na linguagem. Partindo desse princípio, talvez o pesquisador nunca conseguiria explicar as propriedades do todo, o que invalidaria seus estudos já que, durante o processo de pesquisa, seus dados poderiam ser considerados voláteis.

Vigotski (2009, p. 7), afirma que “a palavra representa uma unidade viva de som e significado e que, como célula viva, contém na forma mais simples todas as propriedades básicas do conjunto do pensamento discursivo”. No entanto, nesse tipo de análise, ela foi dividida em duas partes: o som e o significado. Sendo que os dois são distintos e não possuem relação entre si.

De acordo com ele, esse estudo trouxe resultados insatisfatórios pois, o psicólogo soviético acreditava que,

Separado da ideia, o som perderia todas as propriedades específicas que o tornam som apenas da fala humana e o destacaram de todo o reino restante de sons existentes na natureza. Por isso, nesse som desprovido de sentido passaram e ecoar apenas as suas propriedades físicas e psicológicas, ou seja, aquilo que não lhe é específico e é comum a todos os demais sons existentes na natureza [...] (VIGOTSKI, 2009, p. 7)

Logo, não podemos separar totalmente o significado do som. É a junção dos dois elementos que diferencia a comunicação do ser humano dos demais sons que existem. É no significado que podemos encontrar a junção (entre som e significado), que pode ser chamada de pensamento verbalizado.

A palavra nunca se refere a um objeto isolado mas a todo um grupo ou classe de objetos. Por essa razão, cada palavra é uma generalização latente, toda palavra já generaliza e, em termos psicológicos, é antes de tudo uma generalização. Mas, a generalização, como é fácil perceber, é um excepcional ato verbal do pensamento, ato esse que reflete a realidade de modo inteiramente diverso daquele como esta é refletida nas sensações e percepções imediatas. (VIGOTSKI, 2009, p. 9)

De acordo com Vigotski, quando o homem passou de ser não-pensante para a sensação e da sensação para o pensamento, significa que o pensamento começou a refletir a realidade de modo diferente da sensação imediata. Dessa forma, ele conclui que o melhor método para investigar o problema do pensamento e da linguagem, seria o método da análise semântica, da análise do sentido da linguagem e da palavra. Esse método permitiria revelar a unidade interna do pensamento e da linguagem além de estudar a relação do pensamento verbalizado com a consciência em sua totalidade e suas funções particulares.

O pensador russo declara que a função da linguagem é comunicativa. Logo, trata-se de um meio de comunicação social, de enunciação e compreensão, além de ser uma característica do homem. Para ele, a comunicação que não é mediada pela linguagem ou por outro sistema de signos ou de meios de comunicação, apresentaria um formato mais simples e rudimentar, com dimensões limitadas. O que podemos observar mais especificamente entre os animais.

Esse tipo de comunicação, por vezes, não pode ser nem chamada de “comunicação”. Vigotski, chama essa interação entre os animais de *contágio*. “*Um ganso experiente, ao perceber o perigo e levantar com uma grasnada todo o bando, não lhe comunica o que viu quanto o contagia com seu susto*”<sup>1</sup> (2009, p. 11).

Para ele a verdadeira comunicação, que é estabelecida baseando-se na compreensão racional e na intenção de transmitir vivências e ideias, exige um sistema. Algo estruturado e idealizado para tal. Esse sistema foi, é e sempre continuará sendo a linguagem humana que surgiu para satisfazer a necessidade de comunicação entre os homens no processo de trabalho.

Para estudar a linguagem também precisamos compreender como a criança a adquire e desenvolve.

A criança começa a desenvolver a fala a partir do grito, do balbúcio e até das primeiras palavras. Além de expressar, de forma simples, aquilo que deseja e/ou sente através de algumas ações. No entanto, essa fase inicial ainda não apresenta relação com o desenvolvimento do pensamento. Suas primeiras palavras têm caráter afetivo-volitivo, esses signos de desejo e vontade ainda não possuem significado objetivo, muito semelhante à linguagem utilizada pelos animais.

Em certo momento, por volta dos dois anos de idade, as curvas da evolução do pensamento e da fala se unem para iniciar uma nova forma de comportamento característica do homem: a linguagem. Assim, a exposição da criança à cultura e a linguagem humana são essenciais para o seu desenvolvimento.

Alguns sinais que marcam o início dessa fase são: a ampliação do vocabulário pois, a criança descobre a função nominativa da linguagem ao perguntar sobre cada coisa nova e a

extrema rapidez com que ela consegue ampliar o novo vocabulário aprendido, praticamente aos saltos. A criança, descobre a função simbólica da linguagem ao sentir a necessidade da palavra. Para isso, ao ver um objeto novo ele pergunta como se chama e trata de apropriar-se do signo que pertence a cada objeto. Ele os usa para nomear todas as coisas que vê e para comunicar-se.

A linguagem interior da criança desenvolve-se por intermédio de um lento acúmulo de mudanças estruturais e funcionais (conhecimento acumulado), o que a diferencia da linguagem exterior ao mesmo tempo em que ocorre a diferenciação das funções sociais e egocêntricas da linguagem. Sendo assim, as estruturas básicas da linguagem que as crianças dominam são também, as estruturas de seu pensamento.

Portanto, segundo Vigotski, o desenvolvimento do pensamento e da linguagem depende dos *instrumentos de pensamento* e da experiência sociocultural da criança. Ou seja, “o desenvolvimento do pensamento da criança depende de seu domínio dos meios sociais do pensamento, isto é, a linguagem” (VIGOTSKI, 2009, p. 149).

Esse desenvolvimento sociocultural acontece nas vivências diárias, na conversa com os adultos (ainda que a criança não possa falar pois ainda não desenvolveu essa habilidade, o adulto fala com ela). Todos esses fatores colaboram para o desenvolvimento da linguagem na criança.

Segundo Vigotski (2001), a linguagem daqueles que cercam a criança com seus significados estáveis e constantes, predeterminam o desenvolvimento das generalizações que essa criança fará. Nesse sentido, a criança pensa tal e qual seu nível de desenvolvimento intelectual. Já os adultos, ao usar a linguagem para comunicar-se com a criança podem determinar a direção do desenvolvimento e a generalização das palavras. A criança assimila deles os significados já prontos das palavras não os objetos complexos e concretos, aqui ela precisa escolher por si mesma como estabelecer a relação entre as palavras e o conjunto de suas generalizações.

Vigotski (2009), não considera que exista um problema na criança interagir e reproduzir a linguagem do adulto sem dominá-la plenamente. A criança não cria a própria linguagem. Ela imita a linguagem dos adultos e assimila os significados convencionais das coisas que existem no mundo em que vivem. Portanto, as crianças associam os significados de acordo com as palavras e determinações gerais que aprenderam com os adultos. Ou seja, a linguagem dos adultos torna-se facilitadora do desenvolvimento da linguagem da criança.

Nesse capítulo, pudemos perceber como Vigotski entendia a linguagem e sua afinidade com o pensamento, além de mostrar a relação intersubjetiva, com o papel desempenhado pelo

adulto na aquisição do mundo (realizada pela criança), através da ligação emocional direta, das interações sociais e culturais, possibilitando às crianças, a aquisição da linguagem.

No próximo capítulo estudaremos como as categorias trabalho e linguagem influenciaram na formação escolar.

## 5. AS CATEGORIAS TRABALHO E LINGUAGEM NA FORMAÇÃO ESCOLAR

Nesse capítulo, trataremos sobre as categorias trabalho e linguagem na formação escolar e do docente. Entretanto, antes de falarmos sobre o contexto da formação escolar, é necessário refletir sobre o complexo da educação e sua relação com as categorias trabalho e linguagem, além do surgimento da escola. Por isso, nessa primeira parte do capítulo abordaremos o surgimento do complexo da educação e sua formação em sentido amplo e estrito.

Na segunda e terceira parte do capítulo, trataremos do surgimento e evolução da escola, sua importância, relação com os modos de produção estabelecidos socialmente e sua organização, além de tratarmos da formação docente com ênfase nas categorias trabalho e linguagem.

Para a construção desse capítulo, utilizamos como referencial teórico os estudos de Lukács (2013), Tonet (2018) e Saviani (2007).

### 5.1 O surgimento do complexo da educação através do trabalho e da linguagem

Apenas o ser humano trabalha e educa.  
(Saviani, 2007, p. 1)

Há tempos imemoriais, a educação teve sua gênese organicamente vinculada ao surgimento do trabalho e à própria linguagem, mantendo com o primeiro uma relação, portanto, de dependência ontológica. No processo de reprodução social, desse modo, foi atribuído à educação, a função garantir a inclusão das novas gerações no gênero genuinamente humano. Sendo assim, a educação acaba sendo não apenas uma meta a ser alcançada pelo ser social, mas também como uma forma de alcançar o status do desenvolvimento de cada etapa do processo histórico.

Embora o complexo da educação seja permeado pela luta de classes e sua organização ao longo do tempo, ela surgiu muito antes da definição e/ou divisão do ser humano em classes sociais. Após a divisão das classes sociais, o complexo da educação passou a se estruturar de acordo com os interesses do capital, seguindo as exigências que lhes são impostas. Ou seja, a educação não vai além dos limites traçados pelo capital. Assim, podemos observar uma contradição entre a real função da educação e a que é comum a grande parte das pessoas.

Enquanto atividade exclusivamente humana, a educação ocupa uma função específica no processo de reprodução social. Segundo Lukács (2013, p. 130), “[...] *consiste em capacitá-*

*los a reagir adequadamente aos acontecimentos e às situações novas e imprevisíveis que vierem a ocorrer depois em sua vida.”*

Nesse sentido, o trabalho, funciona como ponto de partida da humanização do ser social. É a partir dele que o homem realiza a passagem da esfera orgânica para a esfera social. Assim, a educação surge como complexo social fundado pelo trabalho e, reproduzida através da linguagem.

A linguagem foi um dos complexos investigados por Lukács em sua Ontologia do Ser Social. Nela podemos perceber uma dupla função executada pelo ser social. Primeiramente ela reflete o real na consciência dos homens a partir das necessidades advindas do trabalho e, em segundo ela representa um instrumento de comunicação e também como forma de influenciar outros indivíduos. Seu desenvolvimento enquanto atividade humana deu-lhe basicamente duas vertentes: a generalização e a individualização. Sobre a linguagem, Lukács afirma:

Originalmente, esta é o instrumento social para conferir validade àqueles pores teleológicos que têm como meta induzir outros homens a determinados pores teleológicos. Também nesse caso a ação genérica no trabalho, com todas as suas determinações objetivas, permanece como a meta última, mas o caminho até lá passa pela consciência de outros homens, nos quais se pretende despertar pelas mais diversas vias essa generidade, essa ultrapassagem da própria particularidade. (LUKÁCS, 2013, p. 160)

Sobre a generalização e a individualização na linguagem, Lukács ainda ressalta que as

[...] expressões da vida cotidiana deslocam-se ininterruptamente para uma esfera de generalização cada vez maior, ininterruptamente palavras da linguagem cotidiana adquirem tal significado extremamente generalizado (basta ter em mente a palavra “geral”, mas também os termos greco-latinos usados nas maiores generalizações eram antigamente, na língua viva, expressões para fenômenos cotidianos). Por outro lado, e simultaneamente, dá-se um movimento oposto na direção de um determinar individualizante, como surgimento de novas palavras ou de novas nuances de significado das palavras já em uso. (LUKÁCS, 2013, p. 162).

Sendo a linguagem um contínuo vivo da conservação e reprodução do ser social, ela também atua na mediação da relação do homem com a natureza para garantir sua existência e mediar a relação dos homens entre si, dada a sua relação de dependência ontológica, autonomia relativa e determinação recíproca com o complexo do trabalho. Além disso, sua reprodução não é determinada pela divisão de classes nem vinculada às necessidades de um grupo específico. Ela existe em todas as formas da sociedade e é necessária em todos os tipos de relação social.

A partir do trabalho e da linguagem, surgiu o complexo da educação, sendo necessário para transmitir as generalizações e conhecimentos acumulados pelo homem com as objetivações do trabalho. Dessa forma, trabalho, linguagem e educação são atividades

exclusivas do ser social, logo, representam importante característica dos indivíduos que compõem a espécie humana. Sendo assim, a educação igualmente mantém com o trabalho, uma relação de dependência ontológica, uma relativa autonomia e determinação recíproca.

Segundo Lukács (2013), a educação estabelece uma relação de identidade e não-identidade com o trabalho. Atuando enquanto identidade, a educação transforma o trabalho como modelo de toda a práxis social (inclusive da própria educação), caracterizando-se pela relação entre teleologia e causalidade. Na relação de não identidade, o trabalho executado pelo ser social é formado por teleologias primárias que são postas e medeiam as interações entre o homem e a natureza para transformá-la em objetos de valor e uso. Na educação, as teleologias secundárias tem por objetivo influenciar os outros indivíduos a exercerem determinadas posições.

Lukács (2013, p. 131), afirma que a educação, em sua essência, “*consiste em influenciar os homens no sentido de reagirem a novas alternativas de vida do modo socialmente intencionado*”. Sendo essencial para a reprodução do ser social ao atuar na mediação entre a individualização e a generalização.

A educação é indispensável para o ser social pois, através dela ele se apropria dos elementos sociais que compõe o gênero humano e os conhecimentos necessários para seu desenvolvimento histórico-social. Sendo imperativa em todos os modos de organização do ser social pois, articula o singular ao genérico, reproduzindo no homem as objetivações produzidas ao longo do desenvolvimento humano para a continuidade do ser social.

Ao afirmar que a educação consiste em capacitar o ser social a reagir de forma adequada aos acontecimentos e situações novas e imprevisíveis, Lukács organiza o complexo da educação em duas formas: A educação no sentido estrito e no sentido amplo (*lato*).

Isso significa duas coisas: em primeiro lugar, que a educação do homem – concebida no sentido mais amplo possível – nunca estará realmente concluída. Sua vida, dependendo das circunstâncias, pode terminar numa sociedade de tipo bem diferente e que lhe coloca exigências totalmente distintas daquelas, para as quais a sua educação – no sentido estrito – o preparou. (LUKÁCS, 2013, p. 130)

A sociedade exige do homem novas habilidades, conhecimentos e comportamentos. Dessa forma, a educação se desdobra, de acordo com os contextos vividos pela humanidade, para oferecer ao ser social essa formação mais completa que pode englobar as tradições, história, valores, conhecimento, etc. que eram transmitidos através da práxis social. Todavia, no sentido amplo, a educação do homem nunca estará concluída, sendo considerada um complexo universal. Ela surge para atender a necessidade de continuidade do ser social.

Na educação de sentido estrito, existe uma relação de dependência com o trabalho pois, ela se originou devido ao surgimento das classes sociais, sendo influenciada pelos interesses desta. Ela surge apenas para atender aos interesses particulares, concentrando-se na formação voltada ao trabalho.

## 5.2 O trabalho e o surgimento da escola

[...] o homem não nasce homem. Ele forma-se homem. Ele não nasce sabendo produzir-se como homem. Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência. Portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide, então, com a origem do homem mesmo. (SAVIANI, 2007, p. 3).

Tomando como base essa afirmação de Saviani, entendemos que o ser humano não nasce pronto enquanto homem e ser social. A sua essência é um produto do trabalho. E, ao executar o trabalho, o homem não só produz a si mesmo enquanto membro de um grupo social, ele educa. Logo, para Saviani (2007), a educação surge junto ao trabalho.

A relação entre trabalho e educação é uma relação de identidade. O homem aprendeu a produzir sua existência no momento em que a estava produzindo. Ou seja, aprendiam a executar as funções do trabalho trabalhando. Ao relacionar-se com outros homens e com a natureza, o ser social educava a si e aos outros.

Ao viver em comunidades, no modo de produção primitivo, a educação identificava-se com a vida comum. Os homens apropriavam-se da terra e dos modos de produção de forma coletiva, aprendiam e ensinavam aos outros.

Com o desenvolvimento dos modos de produção, houve a divisão do trabalho e a apropriação das propriedades, o que provocou a divisão dos homens em duas classes sociais: a classe dos donos das terras e a dos que trabalhavam na terra e não eram proprietários.

Embora o homem não possa viver sem o trabalho, pois não tem a existência garantida pela natureza, a divisão de classes sociais tornou possível que os donos das propriedades pudessem viver do trabalho alheio. Os não proprietários das terras tinham a função de sustentar a si e aos proprietários das terras, que se tornaram seus senhores em uma relação de dominação e sujeição. O trabalho era executado, predominantemente, pelos escravos.

De acordo com Saviani (2007), essa divisão das classes sociais também provocou uma ruptura no modelo de educação vigente. Se antes a educação era plenamente voltada ao

trabalho, a partir do modo de produção escravista ela foi dividida em duas modalidades: A educação dos homens livres e a dos escravos.

A educação voltada para os homens livres era baseada nas atividades intelectuais. Eles aprendiam sobre arte, linguagem e exercícios militares ou lúdicos. Essa modalidade deu origem à escola como a conhecemos. O segundo modelo de educação era inteiramente voltado aos processos relacionados ao trabalho.

Se antes a educação era considerada uma ação espontânea e que não se diferenciava das outras ações produzidas pelo homem agora ela se divide entre as classes dominantes e dominadas. É nessa divisão que encontramos a origem da escola. A educação destinada às classes dominantes, que não precisavam trabalhar para produzir a própria existência e dispunham de tempo livre para dedicar-se a aprender, foi organizada nas unidades escolares. Enquanto isso, a educação da classe dominada coincidia plenamente com o trabalho que executavam.

Sobre o surgimento da escola, Saviani afirma que:

Desde a Antiguidade a escola foi-se depurando, complexificando, alargando-se até atingir, na contemporaneidade, a condição de forma principal e dominante de educação, convertendo-se em parâmetro e referência para aferir todas as demais formas de educação. (SAVIANI, 2007, p.5)

Ao longo da história da humanidade, houve uma separação entre educação e trabalho. De acordo com o contexto social vivido pelo homem, a educação (e a escola instituída no modo de produção escravista), transformavam-se e adquiriram novas funções para o ser social. A escola permaneceu nesse modelo escravista até o surgimento do modo de produção feudal, o que inaugurou um tipo de educação totalmente diferente e marcada pelo cristianismo católico.

Nesse período, a igreja desempenhou papel fundamental na educação. Seus mosteiros, além de serem centros religiosos, também desempenhavam papel de lugar de aprendizagem cujo ensino era voltado para a leitura de textos sagrados, ao estudo religioso, e a preservação do conhecimento clássico já existente.

Para a nobreza, composta pelos senhores feudais, a educação era direcionada à literatura, música, poesia e, em alguns casos, às artes militares e as aulas eram ministradas de forma particular por mestres e tutores.

Embora para os nobres a educação fosse de fácil acesso, as mulheres tinham pouca ou nenhuma educação formal. A educação feminina era relacionada às responsabilidades domésticas ou às normas sociais vigentes. Não era do interesse dessa classe social a inserção das mulheres no campo das ciências e/ou das artes.

A maior parte da população feudal era composta por camponeses e servos com acesso limitado à educação formal. Suas vidas eram centralizadas na agricultura e a transmissão de conhecimentos era feita de forma oral, passando de geração para geração.

Ao longo do tempo, algumas cidades criaram escolas que forneciam educação além do âmbito religioso. Surgiram também, algumas universidades em partes da Europa que forneciam ensino nas áreas do direito, medicina, filosofia e teologia. O surgimento dessas universidades representou um passo importante na direção da diversificação da educação, o que oportunizou mudanças expressivas nos períodos subsequentes ao final do modo de produção feudal.

Saviani (2007) afirma que o surgimento do modo de produção capitalista trouxe novas e importantes mudanças à educação. Segundo ele, as escolas que antes adotavam o modelo confessional, passaram a colocar o Estado como protagonista e difundiram a ideia da educação pública, gratuita e obrigatória a todos.

O modelo de produção capitalista, durante a revolução industrial até os dias atuais, trouxe a associação entre a atividade intelectual e o trabalho através da inserção de maquinário (trabalho intelectual materializado), como auxílio para a realização do trabalho. Os homens, com conhecimento intelectual, produziam as máquinas necessárias para que o trabalho evoluísse com mais rapidez. Esse fato deu visibilidade à ciência e à conversão de seu potencial espiritual em potencial material.

Assim, a revolução industrial impactou profundamente a educação, correspondendo a uma espécie de “Revolução Educacional”. Lukács afirma ainda que a educação atual é um produto do desenvolvimento da indústria. Segundo o filósofo húngaro,

Se hoje não há mais crianças pequenas trabalhando nas fábricas, como ocorria no início do século XIX, não é por razões biológicas, mas em virtude do desenvolvimento da indústria e sobretudo da luta de classes. Se hoje a escola é obrigatória e universal nos países civilizados e as crianças não trabalham por um período relativamente longo, então também esse período de tempo liberado para a educação é um produto do desenvolvimento industrial. Toda sociedade reivindica certa quantidade de conhecimentos, habilidades, comportamentos etc. de seus membros; o conteúdo, o método, a duração etc. da educação no sentido mais estrito são as consequências das carências sociais daí surgidas. (LUKÁCS, 2013, p. 131)

Com o surgimento das máquinas, eliminou-se a exigência de uma educação específica para a produção. No entanto, essa mesma máquina exigiu uma qualificação mínima para o trabalho. Essa qualificação foi estruturada como o currículo escolar da educação básica. Logo, a escola tornou-se, de alguma forma, relacionada ao mundo da produção.

Sobre a relação entre trabalho e currículo escolar, Saviani, declara que:

Uma vez que o princípio do trabalho é imanente à escola elementar, isso significa que no ensino fundamental a relação entre trabalho e educação é implícita e indireta. Ou seja, o trabalho orienta e determina o caráter do currículo escolar em função da incorporação dessas exigências na vida da sociedade. [...] Aprender a ler, escrever e contar, e dominar os rudimentos das ciências naturais e das ciências sociais constituem pré-requisitos para compreender o mundo em que se vive, inclusive para entender a própria incorporação pelo trabalho dos conhecimentos científicos no âmbito da vida e da sociedade. (SAVIANI, 2007, p. 9)

Na primeira fase da educação básica composta pelo Ensino Fundamental I e II, a escola possui o papel de integrar o ser humano a sociedade, ensinando-o as habilidades necessárias para viver entre os homens. Essas primeiras habilidades aprendidas pelos educandos serão essenciais para o trabalho.

No Ensino Médio, o trabalho já é apresentado aos alunos de forma explícita e direta. A escola de Ensino Médio tem o papel de relacionar os conhecimentos básicos e a prática do trabalho. Nesse nível escolar, dominar os elementos básicos aprendidos no Ensino Fundamental, não é o suficiente. É necessário articular o saber ao processo produtivo.

Diante do que foi exposto, podemos concluir que a educação básica escolar serve aos interesses do capital. Sua estruturação e objetivo básico são voltados ao domínio de habilidades para a inserção dos jovens ao mundo do trabalho.

### **5.3 O trabalho e a linguagem na formação docente da Educação Básica**

“Se você é um trabalhador assalariado da educação, então você é explorado. E a imensa maioria daqueles que você formar também será explorada”. (TONET 2018, p. 15),

Ao longo deste capítulo, discutimos o surgimento do complexo da educação e da escola, além de tratarmos da relação deles com o trabalho e o ser social. Embora a educação básica sirva aos interesses da classe dominante, os conhecimentos difundidos pelas escolas contribuem diretamente para a transformação da forma como os alunos veem a natureza, a sociedade e a si mesmos como indivíduos partícipes das relações entre os seres humanos.

Assim, a relação entre alunos e escola é de extrema importância, em especial ao pensarmos na figura do professor. Se a figura do professor é tão importante para a educação e para a escola, conseqüentemente, sua competência técnica para o ensino também é essencial. Por isso, questionamo-nos sobre como é feita a formação do professor, em especial quanto a relação das categorias trabalho e linguagem.

Trataremos da formação do professor de forma geral, uma vez que a atividade formativa do professor é voltada para o trabalho e a linguagem, enquanto categoria, seria um instrumento de reprodução social dos conhecimentos adquiridos pelo homem, além de mediar as interações comunicativas, sociais e/ou trabalhistas.

Julgamos ser necessário entender como é visto o profissional da educação na sociedade capitalista em que vivemos. O sistema em que o professor está inserido é brutal. A profissão ainda é vista como algo “sagrado”, imbuída de valores que o docente precisa seguir, acreditando que é capaz de mudar o sistema e que está “além” das mercantilidades do sistema capitalista. O professor, como qualquer outro trabalhador, vende sua força produtiva e é extremamente desvalorizado em sua função. Muitas vezes, ele nem percebe o sistema opressor acreditando no poder de transformação da educação.

Tonet (2018) acredita que os educadores não percebem a exploração que sofrem pelo sistema capitalista por quatro motivos: (i) A própria lógica de reprodução do capital que apresenta o que ocorre na imediatez como se fosse a totalidade o que oculta o processo de exploração e alienação; (ii) A vida cotidiana do educador que o deixa com pouco ou nenhum tempo para seu aperfeiçoamento profissional ou uma reflexão realmente crítica sobre o sentido da sua atividade; (iii) A própria formação do professor, ligada a ideais de cidadania e mudança social. O Magistério “transformador e salvador social”.

Infelizmente, devido a esse tipo de formação, o professor atual vive praticamente o “Mito da caverna” de Platão. Ele não consegue ver o mundo real em seu âmago, a divisão de classes, a exploração, a opressão, a desigualdade social, a falência do sistema educacional atual, etc. Sobre isso, Tonet afirma que,

[...] a ampla maioria dos educadores está em uma situação muito parecida com a famosa “Caverna de Platão”. Não vê o mundo real –o mundo da propriedade privada, das classes sociais, das lutas de classes, da exploração e da opressão, da desigualdade social, do processo concreto de geração da riqueza e da pobreza, mas apenas o mundo que sua formação lhes permite ver, isto é, o da sociedade em geral, da educação em geral, da formação humana em geral, dos problemas imediatos, do Estado como responsável pelo bem comum, da naturalidade dessas relações sociais, etc. Certamente, a formação que receberam também inclui o reconhecimento de deficiências, de problemas e da importância de fazer críticas típicas a essa sociedade. Mas, isto é visto como parte do exercício da cidadania e da democracia. (TONET, 2018, p. 13)

A formação dos professores no Brasil é regida pela BNC Formação. De acordo com o Ministério da Educação e Cultura (MEC), a BNC Formação foi criada com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino na Educação Básica e valorizar a formação dos professores. Foi

idealizada para seguir a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), documento norteador da educação brasileira.

Sobre a educação planejada e organizada pelo Estado, além das exigências quanto à formação dos professores, Tonet assinala que,

É o capital que estabelece os fins fundamentais da educação, como já vimos acima. É o Estado, a serviço do capital, que organiza todo o campo da educação. Por sua vez, a formação dos educadores já é, em amplíssima medida, perspectivada pelos interesses da burguesia, tanto na sua forma de organização como nos seus conteúdos. Isto, no entanto, não é dito abertamente. Pelo contrário, é apresentado como sendo a sua forma natural. (TONET, 2018, p. 16)

O autor nos mostra como a educação se estrutura e se forma através da vontade do Capital. Isso inclui, a BNC, elaborada pelo Estado, segundo os interesses impostos pela classe dominante. A BNC –Formação de Professores, inicialmente, incluía uma visão sistêmica da formação inicial do docente, sua formação continuada e a progressão na carreira do magistério. Sua organização divide-se em três eixos: Conhecimento, prática e engajamento.

No eixo do conhecimento, temos a formação conteudista do professor em sua área de atuação, estrutura do sistema educacional, processo de ensino e aprendizagem, etc. O eixo da prática trata das ações de planejamento e ensino para a aprendizagem efetiva dos discentes, além de estimular novas competências e habilidades previstas em currículo.

O último eixo, do engajamento, exige que o professor esteja comprometido com a sua formação e desenvolvimento profissional, com o aprendizado de seus alunos e engajar-se na comunidade escolar.

No quadro a seguir, podemos ver como se estruturam os eixos da BNC Formação e o que é esperado do professor da Educação Básica no Brasil com relação as competências gerais e específicas do professor.

## **Quadro 2 – As competências gerais docentes**

| <b>COMPETÊNCIAS GERAIS DOCENTES</b>                                                                                                                                                                                                                                   |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. Compreender e utilizar os conhecimentos historicamente construídos para poder ensinar a realidade com engajamento na aprendizagem do estudante e na sua própria aprendizagem colaborando para a construção de uma sociedade livre, justa, democrática e inclusiva. |
| 2. Pesquisar, investigar, refletir, realizar a análise crítica, usar a criatividade e buscar soluções tecnológicas para selecionar, organizar e planejar práticas pedagógicas desafiadoras, coerentes e significativas.                                               |

3. Valorizar e incentivar as diversas manifestações artísticas e culturais, tanto locais quanto mundiais, e a participação em práticas diversificadas da produção artístico-cultural para que o estudante possa ampliar seu repertório cultural.

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal, corporal, visual, sonora e digital – para se expressar e fazer com que o estudante amplie seu modelo de expressão ao partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos, produzindo sentidos que levem ao entendimento mútuo.

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas docentes, como recurso pedagógico e como ferramenta de formação, para comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e potencializar as aprendizagens.

6. Valorizar a formação permanente para o exercício profissional, buscar atualização na sua área e afins, apropriar-se de novos conhecimentos e experiências que lhe possibilitem aperfeiçoamento profissional e eficácia e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania, ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

7. Desenvolver argumentos com base em fatos, dados e informações científicas para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns, que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental, o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana, reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas, desenvolver o autoconhecimento e o autocuidado nos estudantes.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza, para promover ambiente colaborativo nos locais de aprendizagem.

10. Agir e incentivar, pessoal e coletivamente, com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência, a abertura a diferentes opiniões e concepções pedagógicas, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários, para que o ambiente de aprendizagem possa refletir esses valores.

Fonte: MEC, BRASIL. Parecer CNE/CP nº 22/2019 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Pag. 44.

### Quadro 3 Competências Específicas do professor da educação básica

| COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS                                             |                                                                                           |                                                                                                                            |
|----------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. CONHECIMENTO PROFISSIONAL                                         | 2. PRÁTICA PROFISSIONAL                                                                   | 3. ENGAJAMENTO PROFISSIONAL                                                                                                |
| 1.1 Dominar os objetos de conhecimento e saber como ensiná-los       | 2.1 Planejar as ações de ensino que resultem em efetivas aprendizagens                    | 3.1 Comprometer-se com o próprio desenvolvimento profissional                                                              |
| 1.2 Demonstrar conhecimento sobre os estudantes e como eles aprendem | 2.2 Criar e saber gerir ambientes de aprendizagem                                         | 3.2 Comprometer-se com a aprendizagem dos estudantes e colocar em prática o princípio de que todos são capazes de aprender |
| 1.3 Reconhecer os contextos                                          | 2.3 Avaliar o desenvolvimento do educando, a aprendizagem e o ensino                      | 3.3 Participar do Projeto Pedagógico da escola e da construção dos valores democráticos                                    |
| 1.4 Conhecer a estrutura e a governança dos sistemas educacionais    | 2.4 Conduzir as práticas pedagógicas dos objetos conhecimento, competências e habilidades | 3.4 Engajar-se, profissionalmente, com as famílias e com a comunidade                                                      |
| 1.1 Dominar os objetos de conhecimento e saber como ensiná-los       | 2.1 Planejar as ações de ensino que resultem em efetivas aprendizagens                    | 3.1 Comprometer-se com o próprio desenvolvimento profissional                                                              |

Fonte: MEC, BRASIL. Parecer CNE/CP nº 22/2019 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Pag. 45.

Ao analisar os quadros notamos o quanto o ofício tem exigências exaustivas. Toda a formação inicial do professor é organizada e determinada pelo Estado visando garantir os interesses da classe dominante. Os critérios formativos não são discutidos sendo impostos ao

docente. Assim, ele é convencido de que faz o possível para construir uma sociedade melhor, mas, acaba por perpetuar o sistema vigente.

Como se pode ver ao examinar qualquer currículo, o conhecimento é marcado por um forte caráter idealista, fragmentado, mercantilizado. Desse modo, e por toda a ideologia dominante, o educador é convencido de que está contribuindo com a sua parte para a construção de uma sociedade cada vez melhor. Ele não percebe os interesses de classe que estão por trás de todo o processo educativo. Também não percebe que todo o seu esforço, toda a sua dedicação, todo o seu empenho estão sendo utilizados para a reprodução da sociedade capitalista. (TONET 2018, p. 16).

Nesse sentido, Tonet está correto ao afirmar que o professor mal tem tempo para refletir sobre sua formação e o sentido da educação, acreditando ser um instrumento transformador no meio do sistema. Independente das adversidades ou dificuldades que permeiam seu caminho, o profissional segue em frente, fazendo o melhor que pode.

Quais condições de trabalho e adversidades ele enfrenta todos os dias? Em que condições ele planeja e executa suas atividades? Provavelmente, nem todos conseguem atingir as competências exigidas na BNC Formação. Escolas sem infraestrutura, burocracias eternas, formações defasadas, salário que não condiz com a quantidade de trabalho executado pelo docente, violência, desvalorização... São inúmeros os obstáculos que o professor brasileiro vive em sala de aula.

Para que um dia possamos mudar de fato a sociedade e o sistema educacional, é preciso que o professor aprenda o processo histórico do trabalho, o surgimento das classes sociais, do Estado e da propriedade privada. De posse desses conhecimentos, ele será capaz de refletir sobre o sistema em que está inserido, compreendendo o quanto sua atividade é manipulada e explorada para manter e reproduzir o sistema da classe dominante. Além disso, investir em formações continuadas para aperfeiçoar seu ofício docente.

Fora o estudo da categoria Trabalho, é importante atentarmos também para o estudo da linguagem e suas nuances. Entendida como instrumento generalizador e possibilitador de todas as interações sociais. Afinal, mesmo depois de no mínimo treze anos de escolarização, algo está errado quando um adolescente termina a escola mal sabendo ler e escrever.

A formação do professor precisa ser direcionada, objetiva e dinâmica para otimizar sua realidade e o processo de ensino e aprendizagem no contexto escolar.

## 6. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional produzido nos cursos de pós-graduação, apresenta-se como uma maneira de tornar públicas as pesquisas que são realizadas pelos discentes dos cursos de mestrado profissional, caracterizando-se como um recurso com estratégias educacionais que visam favorecer as práticas pedagógicas.

Os produtos educacionais possuem grande importância uma vez que, provocam impacto significativo na formação profissional de professores, além de representar um retorno à sociedade dos estudos realizados no âmbito educacional. Conforme Rizzati:

[...] ao considerar a abrangência e localização desses programas, precisamos refletir sobre o impacto deles para a formação de professores/profissionais, na produção de pesquisas voltadas para diferentes contextos, além da mudança de postura sobre o processo de construção do conhecimento na sala de aula ou em espaços não formais [...] (RIZZATI, 2020, p. 14).

Logo, podemos perceber a importância adquirida pelo produto educacional especialmente na sala de aula. Esse produto não deve ser reduzido a um simples material (físico ou virtual), que precisa fazer parte da dissertação e sim como um elemento importante organizado didaticamente e condizente com o contexto para o qual se destina.

[...] Esse produto pode ser, por exemplo, uma sequência didática, um aplicativo computacional, um jogo, um vídeo, um conjunto de videoaulas, um equipamento, uma exposição, entre outros. A dissertação/tese deve ser uma reflexão sobre a elaboração e aplicação do produto educacional respaldado no referencial teórico metodológico escolhido (BRASIL, 2019a, p. 15)

Nesse sentido, o produto educacional, apresentado nesse estudo, será construído a partir da pesquisa para produção da dissertação do Curso de Mestrado Profissional em Ensino e Formação Docente e, sua elaboração, exige um processo formativo contínuo alicerçado pela pesquisa.

Nosso produto foi pensado para atender os objetivos específicos que nortearão a realização da pesquisa, tais como: examinar, teoricamente, a função da linguagem e do trabalho na formação escolar e produzir um material que possibilite a formação continuada dos professores da Educação Básica.

Sendo assim, será produzido um *e-book* sobre as relações entre as categorias trabalho e linguagem, na construção do ser social. Nesse *e-book* organizaremos uma espécie de “guia” de atividades e sugestões de leituras para serem usadas pelos profissionais responsáveis pela formação de professores da Educação básica.

O e-book: “Caminhos da linguagem e do trabalho na sala de aula: *Um instrumento para a formação continuada dos professores*”, pretende contribuir com a formação continuada de

professores de Língua Portuguesa da Rede Municipal de Ensino da Prefeitura de Fortaleza. Esse material será disponibilizado em drive compartilhado entre as escolas da Rede Municipal.

Seu principal objetivo é servir como material de apoio nas formações continuadas promovendo uma formação diferente e dinâmica que estimule a participação ativa dos docentes e que, ao mesmo tempo, possa auxiliar a ampliar os conhecimentos dos professores sobre as categorias Linguagem e Trabalho e sua importância no âmbito educacional. Entre seu público alvo, encontram-se docentes de Língua Portuguesa, atuantes na Educação Básica.

Esse e-book poderá ser utilizado por professores e formadores para desenvolver grupos de discussão nos quais serão abordados e discutidos textos referentes ao tema proposto na pesquisa para oportunizar mais momentos de formação dos professores, ampliando seus conhecimentos sobre as relações entre linguagem e trabalho na formação e construção do ser social. Além disso, o formador poderá contar com algumas atividades dinâmicas que sugerimos para utilizar em seus encontros formativos.

Através da formação dos grupos de discussão, leitura imanente dos textos indicados e atividades, acalentamos a ambição contribuir de forma significativa para a formação continuada desses profissionais visto que, as categorias trabalho e linguagem permeiam todo o processo de ensino e aprendizagem.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para se constituir como ser social o homem precisou apropriar-se de duas categorias fundamentais: o trabalho e a linguagem. Essas categorias surgiram através do salto ontológico, que causou o rompimento da esfera orgânica para a esfera social.

Essa passagem do ser orgânico para o social só foi possível através do trabalho, ou seja, do agir do homem sobre a natureza, adaptando-se a ela e transformando-a segundo as suas necessidades. O ser social, pode ser definido como um conjunto de complexos que não se limitam ao trabalho, mas, que surgiram a partir dele, reproduzindo-se através da relação entre outros complexos como educação, linguagem, ciência, entre outros.

Concomitante ao trabalho, surge a linguagem. Ela existe para satisfazer uma necessidade social de comunicação desse novo ser. É a partir dela que o homem pode interagir com os outros e se organizar em sociedade para transformar o mundo em que vive. Também é por meio dela que o homem tem acesso ao pensamento uma vez que, todas as experiências por ele são intermediadas pelas palavras, signos e significados.

A linguagem, portanto, se impõe para o ser humano como possibilidade ontológica de inserção no mundo social. É com a linguagem que o homem desenvolve a sua consciência pois, segundo Vigotski (2008), a consciência só pode existir quando o homem se apropria da linguagem. Logo, podemos perceber que trabalho e linguagem estão intrinsecamente relacionados na formação e construção do ser social.

Lukács trata da linguagem enquanto característica que propiciou o desenvolvimento do trabalho e do ser social como um todo. Afirmando ainda que devemos compreender a linguagem como uma condição impossível de ser excluída no processo de continuidade do ser social. Sem a linguagem, não seria possível que o ser social avançasse rumo ao desenvolvimento, a partir do que foi aprendido antes. Ele também observa que a linguagem tem a característica de se fazer presente nos processos que o homem estabelece na natureza e em suas relações sociais (mesmo aquelas que não estão ligadas ao trabalho).

A linguagem é um complexo social ativo e dinâmico com caráter histórico-social mudável. Além disso, exerce papel importante na vida dos homens em conexão com todos os acontecimentos de sua existência, englobando desde os eventos mais leves aos que causam grande impacto, tendo a capacidade de reagir a esses eventos de forma imediata. Ela também depende das mudanças que ocorrem na vida social.

O desenvolvimento do ser social permitiu que duas outras categorias pudessem fazer parte desse processo de “evolução”: A consciência e a linguagem. Lukács associa a linguagem ao trabalho, devido a necessidade dos homens de comunicarem-se uns com os outros. Ao descobrirem o novo, afloram na consciência, novos conteúdos que exigem comunicação entre os homens, estabelecendo um ciclo comunicativo. Assim, podemos constatar que a linguagem exerce papel fundamental na promoção ativa do processo de reprodução do ser social.

Vigotski em sua análise sobre a linguagem, dentro da teoria histórico-cultural, conclui que linguagem pode ser considerada uma das funções psicológicas superiores, tendo como principal característica o emprego de um signo enquanto meio principal para a orientação em consonância com o domínio dos processos mentais superiores.

Em suas exposições teóricas sobre a linguagem, Vigotski nos remete constantemente ao caráter ontológico da linguagem. Ele relaciona o desenvolvimento da categoria ao salto ontológico que originou o ser social ao mencionar a passagem da matéria não pensante para a sensação e da sensação para o pensamento. A partir do pensamento, o ser social organiza suas estruturas mentais e pode criar novas formas de comunicação, traduzindo-se em linguagem.

Com o surgimento do trabalho e da linguagem, tivemos o desenvolvimento de novos complexos para satisfazer as necessidades do ser social. Dentre esses complexos podemos citar a educação.

A educação, ainda que não possa ser considerada trabalho, é ontologicamente dependente dele, atuando como fator determinante para a formação e reprodução do ser social em especial, na mediação entre a individualização e a generalização.

Com o surgimento do complexo da educação, houve a necessidade de criar espaços próprios para a formação dos indivíduos. Inicialmente a escola dividiu-se em duas orientações específicas. A primeira, atendia aos interesses daqueles que não executavam nenhum trabalho, vivendo do trabalho de outras pessoas. Nela, estudava-se arte, linguagem e atividades lúcidas.

A segunda era exclusivamente voltada ao aprendizado de um ofício para a classe trabalhadora. Com o advento das máquinas e da revolução industrial, a escola mudou novamente tendo seu currículo organizado pelo Estado e voltado para o interesse das classes dominantes.

Todos esses acontecimentos influenciaram a formação dos professores. Sendo ela organizada de forma tendenciosa e aliada aos interesses do capitalismo, reproduzindo o sistema vigente ao mesmo tempo em que mantém o docente “preso” a um ideal utópico da educação transformadora e resolvidora dos males sociais. Tornando-o, por vezes, incapaz de refletir

criticamente sobre o sentido da educação, sobre a sua formação profissional e o porquê educar nos dias atuais.

Haja vista todos os elementos elencados nesse estudo, construímos nosso produto educacional na esperança de provocar nos docentes uma reflexão sobre o processo histórico do trabalho, da linguagem e da educação para que eles possam repensar sua formação e função enquanto professores para uma educação emancipadora.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, CAPES. **Documento de Área – Ensino**. Brasília, 2019a.

BRASIL. Parecer CNE/CP nº 22/2019 - **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação)**. Brasília: MEC, 2019. Disponível em: [https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE\\_PAR\\_CNECPN222019.pdf?query=LICENCIATURA](https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_PAR_CNECPN222019.pdf?query=LICENCIATURA)>. Acesso em: 10 nov. 2022.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais e Base Nacional Comum para a Formação Inicial e Continuada de Professores da Educação Básica**. Brasília, DF, 2019b.

CARMO, F. M. **Vigotski: um estudo à luz da centralidade ontológica do trabalho**. 2008. 201f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2008.

CAVALCANTI, R. J. S.; OLIVEIRA, R. R. **Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores**. *Docência em Ciências*, v. 5, n.2, Curitiba, p. 1-17, ago. 2020.

COLAO, M. M. **O modo de produção: categoria do materialismo histórico**. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v.12, n.02, p.143-169, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2907/1543> Acesso em: 09 ago. 2023.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ªed. São Paulo: Atlas, 2002.  
JUNIOR, J. B. S.; FONSECA, R. L.; MINASI, L. F. **A constituição do ser social e a relação homem x natureza: Primeiras aproximações**. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 17, n. esp. 1, p. 0614-0626, mar. 2022. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v17iesp.1.16314>

LESSA, S. **Mundo dos homens: trabalho e ser social**. Instituto Lukács, 2012.

LESSA, S. **Para compreender a ontologia de Luckács**. Maceió: Coletivo Veredas, 2016.

LESSA, S. **História e ontologia: a questão do trabalho**. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.20, 2005, p.70-89.

LUKÁCS, G. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**. *Temas de Ciências Humanas*, tradução de Carlos Nelson Coutinho, São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, n. 4, p. 1-18, 1978.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

LIMA, M. F. ; JIMENEZ, S. V. **O complexo da educação em Lukács: uma análise à luz das categorias trabalho e reprodução social**. *Educ. rev.*, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p.73-94. 2011. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982011000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982011000200005&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 05 nov. 2023.

MARX, K. **O Capital-Livro 1: Crítica da economia política: O processo de produção do capital**. Boitempo Editora. 2015.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

PASCHOALOTTE, Leandro Módolo. **O “salto ontológico” no último Lukács: problematizações de um conceito matriz**. Revista Espaço Acadêmico, n. 157, jun. 2014.

NETTO, J.P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PRESTES, Z. R. (2013). **Guita Lvovna Vigodskaja (1925-2010), filha de Vigotski: entrevista**. *Cadernos De Pesquisa*, 40(141), 1025–1033. Recuperado de <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/159>

PRESTES, Z. R. **Quando não é a mesma coisa: análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil: repercussões no campo educacional**. 2010. 295 f. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

PRESTES, Z. R. L. S. **Vigotski: presença e atualidade em entrevistas**. 1. ed. São Paulo: Lavrapalavra, 2021. 168 p. ISBN 9786587311210.

PRESTES, Z. R.; TUNES, E. **Algumas informações biográficas sobre L. S. Vigotski: será que, algum dia, a névoa se dissipará?** *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 27, n. 1, p. 78-87, 31 jan. 2015.

PRESTES, Z.; TUNES, E. **Notas biográficas e bibliográficas sobre L. S. Vigotski**. *Universitas: Ciências da Saúde*, Brasília, v. 9, n. 1, p. 101-135, jan./jun.2011.

RIZZATTI, I. M.; MENDONÇA, A. P.; MATTOS, F.; RÔÇAS, G.; SILVA, M. A. B. V.; CAVALCANTI, R. J. S.; OLIVEIRA, R. R. **Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores**. *Actio Docência em Ciências*, v. 5, n.2, Curitiba, p. 1-17, ago. 2020.

SAVIANI, D. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. *Revista brasileira de educação*, 12, 152-165. (2007).

TERTULIAN, N. **Uma apresentação à Ontologia do ser social, de Lukács**. *Crítica Marxista*, São Paulo, Brasiliense, v.1, n.3, 1996, p.54-69.

TONET, I. **Método Científico: uma abordagem ontológica**. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

TONET, I. **Educação e Idealismo**. *Revista GESTO-Debate*, v. 2, n. 01-17, 19 set. 2022. disponível em <<https://periodicos.ufms.br/index.php/gestodebate/article/view/17083/11354>> acesso em 15 nov. 2023.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de: José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VYGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas II:** (Incluye Pensamiento y Lenguaje Conferencias sobre Psicología). 2ª . ed. Madrid: A. Machado Libros, 2001. 484 p. v. 2. ISBN 84-7774-094-1.

VYGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** 2ª . ed. São Paulo: WMF Editora Martins Fontes, 2009. 496 p. ISBN 9788578270773.

VIGOTSKI, L. S. *et al.* **LINGUAGEM, DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM.** 16. ed. São Paulo: Ícone Editora Ltda, 2017. 228 p. ISBN 8527400464.